

**Unidade curricular de prática pedagógica em
Educação de Infância - Jardim de Infância**

Brincar e Aprender.

**Um olhar sobre a prática de uma Educadora
de infância em formação.**

**Relatório de Estágio apresentado para obtenção do
grau de Mestre na Especialidade Profissional de
Educação Pré-Escolar**

Carla Sofia Santo Carreira

Orientadora:

Professora Doutora Helena Luís

2016

Agradecimentos

Quero agradecer aos meus pais por todo o apoio e por me terem ajudado a concluir este percurso, pois sem eles não seria possível.

À professora doutora Helena Luís, por me ter orientado ao longo deste mestrado em Educação Pré-escolar, ajudando-me a evoluir a nível pessoal.

Às crianças que me ajudaram a adquirir novas aprendizagens e a tornar-me uma pessoa mais sensível e responsável enquanto profissional de educação.

Às educadoras Patrícia Vasques e Gabriela Amaro, assim como às auxiliares Mari e Ana, por todos os ensinamentos transmitidos e ajuda prestada com as crianças.

Às minhas colegas de estágio pela parceria ao longo de todo o percurso de estudo.

Ao Joel pela motivação e compreensão.

Resumo

O presente relatório de estágio surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, relativo ao ano letivo de 2014/2015, e procura descrever a prática de ensino supervisionada e concretizada em contexto de Creche e Jardim de Infância.

O trabalho pretende apresentar a experiência em contexto de creche e jardim de infância e a investigação decorrente dessa mesma experiência prática, tendo por objetivo compreender a relevância do brincar em contexto de jardim de infância bem como entender qual o papel do educador como mediador da aprendizagem.

Do ponto de vista metodológico, a minha investigação baseou-se num auto-estudo, que incide sobre a minha própria prática enquanto estagiária. Assim foram analisadas as planificações, avaliações, reflexões e notas de campo do diário de estágio e procurei refletir sobre a importância do brincar em contexto de jardim de infância e compreender qual o papel do educador como mediador da aprendizagem neste contexto.

Palavras chave:

Educação de Infância, Brincar, Aprender

Abstract

This report makes part of the Master in Pre-School Education. It aims at describing the teaching practice that was monitored and accomplished in the context of nursery school and kindergarten.

This report presents the experience within the context of nursery school and kindergarten and the investigation is linked to this same practical experience, having in mind to understand the importance of playing in early ages as well as to understand the role of the teacher concerning the management of playing.

The investigation process is linked to this same practical experience, having in mind to understand the importance of play in early ages as well as to understand the role of the teacher in the learning process. My investigation was a self study, focusing on my own practice. Thus, the planning, evaluations, reflections and field notes of the internship diary were analyzed and I was able to reflect on the importance of playing in a

kindergarten context and understand the role of the educator as a mediator of learning in this context.

Key words: Pre-School Education, Play, Learning

ÍNDICE GERAL

Introdução	1
1-PARTE I.....	2
1.1-Estágio em creche.....	2
1.2-Estágio em Jardim de infância.....	5
1.3-Percursos de desenvolvimento profissional.....	9
2-PARTE II.....	13
2.1-Percurso investigativo	13
2.2-Enquadramento teórico	15
2.2.1-Brincar em contexto de jardim de infância	15
2.2.2- A variedade na brincadeira.....	18
2.2.3- O brincar - uma forma de aprendizagem pela ação.....	22
2.2.4- Brincar no Jardim de Infância - Finalidades/Objetivos	23
2.2.5- A brincadeira ao ar livre.....	26
2.2.6- A organização do espaço de brincadeira em contexto de jardim de infância	26
2.2.7- O brincar em contexto de aprendizagem	29
2.2.8- O Papel do Educador na Gestão do Brincar.....	30
3- Metodologia Utilizada.....	35
3.1- Instrumentos de recolha de dados	38
3.1.1- Diários de bordo	38
3.1.2- Planificações	39
3.1.3- Avaliações.....	40
3.1.4- Reflexões	40
4- Parte III	42

4.1- Análise e Discussão dos Dados	42
5- Reflexão sobre a minha própria prática.....	63
6- Referências Bibliográficas.....	66

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A - Diários de Bordo

Anexo B – Planificações

Anexo C – Avaliações

Anexo D- Reflexão Final

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 : Criança a brincar em contexto de creche	14
Figura 2 : Criança a fazer jogos de mesa em contexto de jardim de infância.	14
Figura 3: Crianças a observarem uma capoeira em contexto de creche.	18
Figura 4 : Criança a brincar no tapete em contexto de jardim de infancia.....	19
Figura 5: Crianças a brincarem na área das construções, em contexto de jardim de infância.....	19
Figura 6 : Crianças na área da casinha.	20
Figura 7: Crianças a brincarem na área da mercearia em contexto de jardim de infância.....	20

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Rotina do grupo de crianças – 2 anos.....	4
Tabela 2: Rotina do grupo de crianças – 4 anos.....	7
Tabela 3: Tabela Síntese.....	49
Tabela 4: Planificações.....	53
Tabela 5: Diários de bordo	57
Tabela 6: Reflexão Final	60

Introdução

Este relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar da Escola Superior de Educação de Santarém, no ano letivo de 2014/2015.

A Prática de Ensino Supervisionada decorreu durante dois semestres. O primeiro semestre em contexto de creche e o segundo semestre em contexto de jardim de infância.

Na primeira parte do relatório serão apresentados os contextos de estágio onde será feita uma caracterização da instituição, das crianças, do meio, das rotinas, da planificação e da avaliação. Indicar-se-ão ainda, os percursos de desenvolvimento profissional onde serão referidas as minhas aprendizagens, o desafio, anseios, expectativas, superação de desafios e momentos significativos em interação com as crianças. Serão apresentados o percurso investigativo e o método utilizado na realização deste relatório e qual a relevância da problemática de investigação nestes contextos.

Na segunda parte apresentar-se-á a questão de pesquisa e proceder-se-á à fundamentação teórica onde será explicitado o que é “brincar”, tendo por base uma revisão da literatura sobre o tema do brincar em educação de infância. Será também, sublinhada a importância do lúdico no desenvolvimento e aprendizagem da criança, na perspetiva de diferentes autores. As finalidades e objetivos do brincar em jardim de infância serão exploradas assim como o papel do educador na gestão desse processo.

Na terceira e última parte far-se-á uma reflexão final onde abordarei as aprendizagens realizadas e o meu processo de desenvolvimento profissional.

1-PARTE I

Durante o período de Mestrado em Educação Pré-Escolar realizei dois estágios de observação e intervenção. No primeiro semestre esse estágio foi feito em contexto de creche com crianças de dois anos, numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e no segundo semestre foi realizado em contexto pré-escolar, também numa IPSS, com crianças de quatro anos.

No âmbito dos contextos de estágio será feita uma apresentação dos mesmos, uma caracterização do grupo de crianças referindo as suas rotinas, assim como uma apresentação do meio em que estavam inseridas as instituições e ainda as respetivas avaliação e planificação.

Pela experiência que tive durante o estágio, foi-me permitido observar que as crianças interagem muito melhor, não só comigo enquanto estagiária, mas também com os seus colegas, quando lhes era proporcionado um ambiente de maior liberdade. Neste caso era visível o prazer de brincar. Pelo contrário, no momento em que uma determinada tarefa era por mim orientada, exigindo-lhes que realizassem a tarefa cumprindo as minhas regras, verificava-se que algumas das crianças revelavam desagrado na sua realização e menos envolvimento na tarefa.

Esta reflexão que ocorreu durante os dois momentos de estágio veio posteriormente apresentar o meu trabalho de investigação.

1.1-Estágio em creche

A instituição onde realizei o estágio em contexto de creche é uma instituição particular de solidariedade social. Integra-se num ambiente natural onde a paisagem e os animais, nos seus habitats, são uma realidade constante.

No âmbito educativo da creche, o projeto educativo da instituição tinha como base a saúde e o bem-estar, cujo objetivo era saber o ritmo a que criança se desenvolve, a evolução dos órgãos sensoriais, o processo de descoberta do mundo que a envolve e de que modo se pode ajudar a criança nessa descoberta.

Assim, o projeto visava conhecer a importância dos cuidados a ter com a saúde, a segurança pessoal e a segurança dos outros.

Relativamente ao projeto da educadora, tendo por base o projeto de turma, as prioridades centravam-se no bem-estar e envolvimento da criança. A nível pessoal e social existiam prioridades a ter: controlar os esfíncteres, comer autonomamente, partilhar brinquedos, respeitar regras e respeitar diferentes áreas dentro da sala.

Ao nível do desenvolvimento cognitivo, existiam também prioridades: dizer o seu nome e dos seus familiares, aumentar o léxico, desenvolver novos vocábulos e comunicar através deles.

Era, também, umas das prioridades deste projeto, a diversificação da alimentação e a substituição da bolacha por pão e fruta, criando uma alimentação mais saudável, o que vai ao encontro do projeto da instituição.

Uma das metas que a educadora pretendia alcançar referia-se à participação das famílias no processo individual do seu educando e no projeto pedagógico de sala.

O grupo de crianças com o qual realizei este estágio era constituído por catorze crianças, nove crianças eram do sexo masculino e cinco do sexo feminino que perfaziam os dois anos até ao final do mês de dezembro de 2014. Tratava-se de um grupo heterogéneo, bastante autónomo a nível social e pessoal. Eram capazes de produzir palavras e até construir frases, à exceção de uma criança que apenas emitia a palavra “não”. No que diz respeito ao nível de desenvolvimento motor, de um modo geral, o grupo apresentava uma boa motricidade global revelando bastante autonomia na sua locomoção, embora as crianças mais novas do grupo ainda caíssem algumas vezes. Todas as crianças participavam nas atividades de expressão motora e de expressão musical disponibilizadas pela instituição. Para além destas atividades escolares, duas crianças praticavam natação fora da instituição, após o horário escolar. As crianças mostravam preferência pelas áreas de Expressão Plástica e Expressão Motora e ainda uma grande paixão pela área do recreio, durante o qual se libertavam realizando movimentos e brincadeiras livres, onde podiam interagir com crianças de outras salas e de diferentes idades.

O grupo de crianças respeitava uma rotina diária de acordo com o seguinte plano:

Tabela 1: Rotina do grupo de crianças – 2 anos

9:00h às 9:45h	Acolhimento
9:45 h às 11:00h	Atividades orientadas pela educadora
11:00h às 11:15h	Primeiro momento de higiene do dia
11:15h às 12:00h	Almoço
12:00h às 12:30h	Segundo momento de higiene
12:30h às 15:00h	Repouso
15:00h às 15:50h	Terceiro momento de higiene
15:45h às 16:30h	Lanche
16:30h às 17:00h	Último momento de higiene

Para avaliar o grupo neste contexto procedi a observações diretas e registos escritos. Para registar de uma forma mais descritiva os momentos avaliados, recorri à realização de diários de bordo.

Relativamente às planificações utilizadas para a prática com este grupo, estas tiveram por base alguns parâmetros assim discriminados:

- Áreas de desenvolvimento;
- Objetivos;

- Estratégias;
- Atividades;
- Materiais;
- Avaliação.

Relativamente ao projeto de creche, este tinha como base a saúde e o bem-estar. Assim, o projeto tinha por objetivo conhecer a importância dos cuidados a ter com a saúde, a segurança pessoal e a segurança dos outros. Conhecer as vantagens de uma alimentação saudável e desvantagens de uma alimentação incorreta bem como adquirir hábitos de higiene eram também os objetivos deste projeto.

1.2-Estágio em Jardim de infância

Quanto à segunda instituição onde realizei o estágio, trata-se de uma valência de Pré-escolar que está situada no rés do chão da mesma instituição. É constituída por um refeitório e por seis salas, duas salas para cada nível etário de 3, 4 e 5 anos. Tem ainda dois espaços exteriores parcialmente cobertos e equipados com material didático, assim como um pequeno ginásio onde são realizadas atividades de expressão motora, orientadas por um/uma professor/a de Educação Física.

Relativamente ao projeto da educadora, não tinha qualquer tema específico. Contudo, tinha como finalidade abordar o mundo que nos rodeia e a área das ciências.

A educadora pretendia que fossem criadas situações e atividades que permitissem às crianças ter contacto com novas experiências conhecendo o mundo que as rodeia e sentindo-se integradas no grupo. Permitia ainda aprenderem a respeitar as regras, os valores e o outro.

O grupo com o qual realizei o meu estágio, neste contexto, era composto por vinte e quatro crianças: treze do sexo feminino e onze do sexo masculino. A maioria tinha 4 anos de idade, enquanto quatro crianças já tinham 5 anos de idade. Nenhuma criança apresentava necessidades educativas especiais. De um modo geral, todas as crianças permaneciam no jardim de infância cerca de nove horas por dia e o nível de agregado dos seus pais era médio, de acordo com informações recolhidas junto do projeto de sala que se encontrava na posse da educadora cooperante.

Todas as crianças participavam na atividade de andebol, orientada por uma professora de Educação Física e algumas tinham, ainda, aulas de inglês e música dentro da instituição. Outras participavam em atividades extracurriculares, ballet e natação, fora da instituição e após horário escolar.

No que diz respeito ao nível de desenvolvimento das crianças, estas tinham um bom desenvolvimento da linguagem bem como um bom vocabulário, o que era revelado no momento em que brincavam livremente, nomeadamente na área da casinha e mercearia, área da garagem, área das construções de figuras geométricas em madeira, área dos jogos de mesa e da biblioteca. Durante estas brincadeiras, as crianças desenvolviam diálogos adequados a cada ambiente, fazendo perguntas e dando respostas como se estivessem a viver a situação de verdade. A nível pessoal e social, as crianças deste grupo eram bastante autónomas e revelavam-se motivadas para participarem e experimentarem coisas novas. Tinham preferência pelo exterior, pela área da casinha e pela área dos jogos, que no meu ponto de vista são as áreas que mais promovem aprendizagens, não só a nível pessoal e social, bem como a nível cognitivo, uma vez que se tratam de jogos que levam as crianças a imitarem atos sociais próprios dos adultos, permitindo-lhes assimilar regras e noções que lhes permitem crescer saudavelmente enquanto seres sociais. Após uma observação mais cuidada junto das crianças enquanto brincavam, compreendi mais profundamente a importância que o brincar assume na aprendizagem de uma criança, o que vai ao encontro da minha questão de pesquisa “Qual a importância do brincar em contexto de jardim de infância?”.

O grupo tinha um grande interesse por escutar histórias, assim como ouvir e cantar canções, proporcionando um ambiente saudável de partilha. Verificava-se, no entanto, a existência de grupos específicos de amizade pela preferência que algumas crianças revelavam relativamente a outras. Estas crianças, bem como a maioria das crianças em instituições de creche e pré-escolar, apresentam uma rotina específica como poderá ser descrito pela tabela seguidamente apresentada:

Tabela 2: Rotina do grupo de crianças – 4 anos

8:00h	Acolhimento
8:30h	Atividades livres nas áreas da sala
9:30h	Reunião matinal no tapete (canções, marcação das presenças, do tempo e do calendário, planejar o que vamos fazer, como vamos fazer e onde vamos fazer.)
10:00h	Atividades programadas e atividades nas áreas
11:45h	Arrumar a sala
11:50h	Recreio
12:05 h	Higiene
12:15h	Almoço
12:50h	Higiene
13:00h	Brincadeiras livres
14:00h	Reunião no tapete Atividades orientadas e atividades nas áreas

15:30h	Higiene
16:00h	Lanche
16:30h	Recreio ou atividades livres nas áreas da sala
17:00h	Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoches, etc.

Relativamente ao projeto de jardim de infância, este tinha como base o “mundo que nos rodeia”. O projeto tinha como objetivo permitir às crianças o contato com novas experiências, conhecendo o mundo que as rodeia e fazendo com que se sentissem integradas no grupo. Tinha também como finalidade, inculcar regras, valores e respeito pelo outro.

Para avaliar as crianças neste contexto, recorri a diferentes metodologias, ou seja, utilizei a observação direta, tabelas de avaliação (algumas com base no Sistema de Avaliação das Crianças SAC de PORTUGAL e LAEVERS, bem como o registo fotográfico e reflexão das mesmas.

Para me ajudar na prática em estágio tive como suporte uma planificação diária, onde se encontravam registados os vários parâmetros:

- Competências a desenvolver;
- Áreas de conteúdo;
- Estratégias e atividades;
- O que o educador poderá fazer a partir de brincadeiras livres;
- Gestão dos recursos humanos e materiais;
- Avaliação.

1.3-Percursos de desenvolvimento profissional

Durante todo o estágio desenvolvido nos dois contextos, creche e jardim de infância, realizei um percurso de desenvolvimento profissional que me permitiu realizar aprendizagens, ultrapassar desafios, vencer anseios e superar dificuldades e ainda viver momentos significativos com as crianças.

Em contexto de creche, no que respeita às estratégias de aprendizagem profissional, a dificuldade mais pertinente incidiu na transição da brincadeira livre das crianças para o momento da atividade orientada, em que tinha de ser capaz de captar a atenção das crianças e fazer com que se centrassem na minha proposta. Para ultrapassar essa dificuldade tinha que aumentar o meu tom de voz e bater palmas ao mesmo tempo que falava. Além disso, uma das situações que me causou algum constrangimento foi a mudança de fraldas. Contudo, rapidamente ultrapassei esta questão, tendo-se revelado mais uma aprendizagem. Após esclarecidas todas as dúvidas e depois de ter aprendido todos os procedimentos, o problema foi ultrapassado.

Relativamente à brincadeira livre, salientam-se os momentos em que as crianças brincavam por iniciativa própria, nas diferentes áreas: a área da casinha, a área da garagem, a área da biblioteca e a área dos jogos.

Nestes momentos as crianças dedicavam-se essencialmente à manipulação dos objetos, deslocando-se de área em área, sem permanecerem muito tempo numa mesma área. Assim, as crianças, nas suas brincadeiras, revelavam desrespeito e/ ou desconhecimento pelo espaço das outras crianças. Por outro lado, havia crianças que revelavam uma grande vontade em ter sucesso em determinadas tarefas/brincadeiras, como por exemplo, ser capaz de vestir uma boneca, como acontecia frequentemente, na área da casinha.

Em suma, as brincadeiras, neste caso específico, revelavam que as crianças têm necessidade de mostrar as suas competências e capacidades, tanto a nível físico como de raciocínio. Assim, verifica-se que se trata de uma fase em que a criança deverá ser incentivada e estimulada a ser capaz de fazer as coisas e que poderá contar com a ajuda do adulto para o conseguir. Desenvolvi os projetos nos contextos de estágio a partir da observação direta e dos

registros escritos feitos diariamente. Deste modo, pude refletir, avaliar e reformular a minha prática de acordo com o grupo.

Assim, adquiri várias aprendizagens tais como saber mudar fraldas, onde e como. Aprendi que na hora do repouso as crianças podem usar vários objetos que respondam às suas necessidades de conforto e proteção, tais como a chupeta, a fralda de pano ou até mesmo um peluche, ou em várias situações, o tão acarinhado “dudo”. Na hora da higiene, aprendi que cada criança tem um bacio próprio, à exceção das crianças que já utilizam as sanitas; que todas as crianças têm uma toalha individual, para que possam limpar as mãos e a cara no fim de lavadas (antes e depois das refeições). Cada criança tem também um creme, um perfume e um pente que são utilizados ao final do dia, no seu regresso a casa, levando feita a sua higiene pessoal.

Tais aprendizagens imediatas fizeram-me constatar que o Ser Humano é um “animal” de hábitos, necessários não só para o crescimento pessoal como também para uma inserção e interação adequadas na sociedade. Hábitos estes que, depois de apreendidos e interiorizados, permitirão a estas crianças serem melhores adultos no futuro e proporcionar-lhe-ão uma boa convivência com os outros.

A realização de todos os atos higiénicos anteriormente mencionados têm como objetivo a apropriação de bons hábitos a dar continuidade em ambiente familiar e outros, promove a sua autonomia, levando-a a ter iniciativas de higiene próprias não sendo necessário ser alertada pelo adulto, como acontece com o hábito de lavar os dentes após as refeições.

Para além destas aprendizagens imediatas, existiram outras menos imediatas e que se encontram relacionadas com o choro das crianças. Na verdade, constatei que as crianças choram por diferentes razões e que o choro não constitui apenas uma forma de chamar à atenção, mas também um modo de exprimir a sua frustração e/ou a sua revolta ou desagrado. Tal acontecia quando uma criança, inconscientemente, se sentava no bacio de outra a qual mostrava o seu desagrado, ou quando trocavam as toalhas.

Aprendi também a intervir em caso de evacuação de incêndio. Quando o toque de incêndio se faz ouvir, as crianças devem ser organizadas em comboio, com tranquilidade, para que as mesmas se sintam em segurança e não entrem em pânico. Em seguida orientá-las para a rua, utilizando a porta de saída mais próxima da sala de atividades.

Tive a oportunidade de assistir à festa de natal, na qual participei preparando as crianças para a mesma. Durante esta atividade, apercebi-me que, também aqui, existem diferentes regras de atuação. As crianças devem ser preparadas na sua sala, lancham e vestem-se aí para que se torne mais fácil mantê-las organizadas e, posteriormente, podermos levá-las, para o seu local de atuação.

Relativamente ao contexto de trabalho, considero que foi muito positivo, gostei de conhecer esta realidade, de contactar e interagir com as crianças realizando as mais diversas atividades em contexto de sala e outros.

Através da observação direta, consegui perceber que a realidade está articulada com a teoria, pois, como alguns autores referem, (Tavares et al., 2007, p.49) ao longo dos dois primeiros anos de vida, a criança passa por mudanças significativas na esfera psicossocial. A criança começa a compreender que existe um meio externo diferente do seu próprio corpo onde pode agir e interagir fazendo com que as diferentes interações possam ser estabelecidas com elementos da sua família e com coisas que a rodeiam.

Futuramente, enquanto educadora de infância, gostaria de repetir este contexto, uma vez que tenho grande interesse em trabalhar com crianças desta faixa etária o que me possibilitará, por certo, novas experiências. De facto, apesar de se tratar de crianças muito pequenas, algumas consideradas ainda bebés, elas constituem um grande desafio, uma vez que exigem do adulto uma grande compreensão, tolerância e conhecimento para poder entrar no seu mundo. Penso que a função do adulto, neste caso da educadora de infância, não será apenas impor regras e hábitos, mas proporcionar-lhes satisfação, levando-as a descobertas que as deixem surpreendidas e felizes. Esta satisfação pode ser proporcionada por momentos de colo, os quais permitem uma aproximação que lhes vai permitir sentirem-se seguras e amadas. É também muito estimulante para o seu crescimento o contacto através da fala e do diálogo. O solicitar ajuda na realização de algumas tarefas, constitui uma boa ferramenta para que ela se sinta satisfeita, se sinta útil e aprenda isso mesmo, a participar em tarefas na escola, na família ou em outros contextos. Estes momentos de bem estar e simultaneamente de aprendizagem, proporcionados à criança, são um sinal de que é respeitada no âmbito dos seus interesses promovendo o seu pleno desenvolvimento.

Segundo Gabriela Portugal, “bebés ou crianças muito pequenas necessitam de atenção às suas necessidades físicas e psicológicas o que pressupõe uma relação

com alguém em quem confiem. Assim, deverão existir oportunidades de interação com outras crianças bem como liberdade de exploração e descoberta pelo mundo, experienciando um ambiente seguro e saudável.” (Portugal, s.d, p. 7)

Em relação ao contexto de jardim de infância, no que respeita às estratégias de aprendizagem profissional, a maior dificuldade que senti foi a da transição do momento de brincadeira livre para o momento da reunião matinal, em que o grupo se encontrava bastante agitado e, por vezes, tinha dificuldade em manter a disciplina. Assim, uma das estratégias utilizadas para ultrapassar esta dificuldade consistia em falar mais alto, o que também era feito, por vezes, no momento do tapete, quando as crianças se encontravam um pouco agitadas.

Para acalmar o grupo que se encontrava na sala, no momento da higiene, cantava canções ou lia histórias, ou punha em prática jogos de roda, como por exemplo “o jogo do telefone estragado”.

Ao longo deste estágio recorri a uma metodologia baseada essencialmente, na observação e nos registos escritos sobre os acontecimentos diários em contexto de jardim de infância, onde estive inserida.

Esta experiência surgiu como um ponto de partida para encontrar respostas a muitas dúvidas que vão surgindo quando se tenta fundamentar a nossa prática com as grandes linhas de investigação efetuadas ao longo dos tempo e que encontramos registadas na literatura disponível.

Considero que foi bastante enriquecedora a experiência profissional nestes novos contextos. E, apesar de já ter realizado outros estágios, não só durante a licenciatura mas também no curso de Técnico de Apoio à Infância, foram, de facto, novas experiências que me levaram à aquisição de novas competências com as quais, também eu fiz o meu crescimento pessoal e profissional, de onde saí mais enriquecida e motivada para dar continuidade ao percurso que escolhi.

2-PARTE II

2.1-Percurso investigativo

O percurso investigativo consistiu num processo de observação, prática e reflexão no que diz respeito à profissão de educadora de infância, partindo de uma questão de investigação que neste caso se relacionava com a “importância do brincar”. Esta questão acompanhou todo o meu percurso investigativo, tanto no âmbito da creche como do jardim de infância, pois em ambos os períodos, a brincadeira afigura-se como um elemento de importância para o desenvolvimento a vários níveis, nomeadamente, o nível cognitivo, físico-motor e socio-afetivo.

Relativamente ao percurso investigativo, foi bastante importante investigar nestes contextos pelo facto de me proporcionar uma melhor visão do que acontece na realidade da prática profissional.

A observação das brincadeiras de todas estas crianças permitiu-me descobrir e avaliar o valor do ato de brincar: que a fantasia se mistura com a realidade no momento em que as crianças, com os seus brinquedos, brincam aos “adultos”, segundo as suas representações; que as brincadeiras e os jogos das crianças apresentam inúmeras virtudes capazes de construir bons seres humanos.

Este percurso consistiu essencialmente em formar-me a nível da prática profissional, para que, no futuro, possa exercer a profissão de Educadora de Infância com mais responsabilidade e consciência. Permitiu-me, também, constatar até que ponto as aprendizagens teóricas se aplicam na prática, como, quando, onde e a quem as devemos aplicar. E ainda colocar novas dúvidas e tornar a procurar novas respostas, num vai e vem complexo de perguntas e respostas que nunca terão fim para um profissional que procura este caminho para ir crescendo enquanto tal.

Durante o período de estágio surgiu, através da observação direta, uma possível questão de pesquisa, a qual consiste em perceber “Qual o papel do educador na gestão da aprendizagem através do brincar em Educação de Infância?”

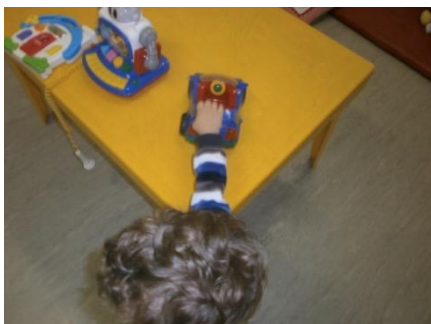


Figura 1: Criança a brincar em contexto de creche



Figura 2: Criança a fazer jogos de mesa em contexto de Jardim de Infância

Esta questão de pesquisa surgiu, porque as crianças passam a maior parte do seu tempo a brincar tanto em contexto de creche como de jardim de infância. Interroguei-me se deveria valorizar o brincar ou pelo contrário se deveria centrar-me nas atividades orientadas, ou seja, em atividades com uma intencionalidade educativa cuja maior preocupação é transmitir conhecimentos.

Será que na brincadeira livre e espontânea, as crianças podem aprender de uma forma mais significativa do que através das atividades orientadas?

Decidi fazer uma pesquisa autobiográfica por forma a compreender o papel das brincadeiras nas aprendizagens das crianças e os tipos de brincadeira desta faixa etária, não me esquecendo de refletir sobre o papel de mediador e observador do educador, nas brincadeiras em sala de aula ou até mesmo no recreio.

Esta pesquisa baseou-se essencialmente na investigação (auto)biográfica recorrendo à análise das minhas planificações, reflexões e diário de bordo durante o período de estágio em Jardim de Infância procurando analisar a minha intervenção nas brincadeiras livres e como pensei ou não na aprendizagem das crianças.

2.2-Enquadramento teórico

2.2.1-Brincar em contexto de jardim de infância

Toda a criança tem direitos e um deles é o direito de brincar. Como as brincadeiras têm uma grande importância para a criança com idades compreendidas entre os 0 e os 5 anos, é essencial que as mesmas sejam valorizadas neste período da educação infantil.

Juridicamente, o ato de brincar é defendido e garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos que estabelece no artigo 24 “o direito ao repouso e ao lazer”. Além disso, a Declaração dos Direitos da Criança, nos artigos 4 e 7 atribui às crianças “o direito à alimentação, à recreação, à assistência médica” assim como à “ ampla oportunidade de brincar e de se divertir”.

Através do lúdico “A criança satisfaz, geralmente, os seus interesses, necessidades e desejos particulares, sendo um meio privilegiado de inserção na realidade, pois expressa a maneira como a criança reflete, ordena, desorganiza, destrói e reconstrói o mundo.” (Dallabona, s.d, p. 1)

Brincar corresponde a uma “ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança, dá prazer, não exige, como condição um produto final, relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz no imaginário.”(Kishimoto, 2010,p.4). Esta ação é a atividade principal do dia a dia, uma vez que promove o desenvolvimento de diferentes responsabilidades: “tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer-se a si, os outros e o mundo, repetir ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressar a sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para experimentar situações que lhe chamem a atenção, solucionar problemas e criar.” (idem,p.4)

A criança quando nasce não sabe brincar mas vai aprendendo a fazê-lo através do contacto com objetos e brinquedos utilizando estes materiais e observando as outras crianças, com a intervenção do educador e de outros adultos no seio familiar e outros, através das quais a criança aprende novas brincadeiras e respetivas regras.

A creche e o jardim de infância desempenham um papel fundamental no que respeita à educação da criança com brinquedos de qualidade, substituindo-os quando os mesmos se partem ou deixam de despertar o seu interesse. É importante que os brinquedos sejam selecionados e apresentem várias características: devem ser duráveis, atraentes e adequados por forma a que a criança os possa usar em diferentes situações e com a devida segurança. Não deverão conter preconceitos de género, classe social e etnia, nem estimular a violência. Deverá haver sim, uma diversidade de materiais tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, educadores e pais.

Quando se pensa em brincar, estão sempre dependentes as seguintes interações:

- ✓ Interação da criança com o educador uma vez que é “essencial para o conhecimento do mundo social e para dar maior riqueza, complexidade e qualidade às brincadeiras”;
- ✓ Interação entre as crianças, a qual “garante a produção, conservação e recriação do repertório lúdico infantil, da modalidade conhecida como cultura infantil ou cultura lúdica”;
- ✓ Interação da criança com o ambiente, em que “a disposição do mobiliário, dos materiais e brinquedos pode dificultar ou facilitar o acesso e uso independente da criança”;
- ✓ Interação entre a instituição, a família e a criança que “possibilita o conhecimento dos brinquedos e brincadeiras preferidos por cada criança”.
(Kishimoto, 2010,p.4)

A atividade lúdica na infância caracteriza-se por uma atividade significativa para qualquer criança independentemente da sua cultura, funcionando como veículo vital para que possa aceder ao conhecimento de si e do mundo em que se insere.

Deste modo e de acordo com o pensamento de Marilyn Fleer, “ The outcomes of this study are supportive of the view that imagination is the key for building concept

formation in play consequently, the findings of this study support the view that play must remain an important part of the pedagogy of preschool education.”(2011,p.258).

Outros teóricos como Nilson, reforçam essa mesma importância dada à brincadeira em idade pré-escolar, “ have drawn attention to the conception that play is a significant source of development because it makes conscious to children the everyday world in which they live.” (2011,p.249.)

Na realidade, como é do conhecimento de todos os profissionais de educação, o ato de brincar surge como um meio através do qual a criança explora, livremente, o mundo que a rodeia física e socialmente. Deste modo, os mais pequenos vão sucessivamente construindo e conhecendo a realidade nos seus mais variados aspetos e é aí que acontece também a sua estimulação sensorial, perceptivo-motora, cognitiva e social, num processo lento, mas criativo de desenvolvimento de capacidades e intrinsecamente, de aquisição de competências. É um processo de crescimento natural que a leva a sentir-se sempre motivada a usar a sua imaginação expressando as suas emoções e sentimentos.

Em idade pré-escolar, a brincadeira é um elemento chave da pedagogia educacional não esquecendo o papel que a imaginação desempenha na aquisição de conceitos por parte das crianças. Conceitos esses que pertencem ao mundo real e que são desenvolvidos e adquiridos no momento em que a criança imagina uma brincadeira que a liga ao mundo real, segundo as suas representações o que contribui para o seu desenvolvimento.

Para Vygotsky (2004) “A child’s play is not simply a reproduction of what he (sic) has experienced, but a creative reworking of the impressions he has acquired. He combines them and uses them to construct a new reality”.

Assim, é bastante importante prestar uma maior atenção a algumas características da atividade lúdica nos primeiros anos de vida da criança, não significando que nas idades posteriores a brincadeira desapareça. Neste período, a criança tem tendência a relacionar a brincadeira e o jogo com outros tipos de atividades de comportamento curricular, ou seja, os objetivos de aprendizagem impostos pelo currículo podem ser aprendidos através do brincar, como acontece com a aprendizagem das cores ou dos números.

Para a criança, a brincadeira é uma atividade que promove momentos de relação com o mundo que a rodeia, com os seus pares e ainda com ela própria. A brincadeira

possibilita que a criança desenvolva capacidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais, uma vez que se movimenta e manipula objetos para adquirir conceitos e exprimir sentimentos e adquirir regras e comportamentos impostos pela sociedade.

De facto, o ato de brincar permite à criança descobrir o verdadeiro sentido dos objetos, o que vai ao encontro do pensamento de Marilyn Flear, que afirma “giving a new sense to material object, as occurs in play, helps children to think consciously about the material object.” (2011, p. 251).

Assim, através do lúdico, a criança envolve-se mais facilmente nas atividades, uma vez que através do brincar, a criança trabalha, reflete, descobre e constantemente redescobre o mundo que a rodeia.

2.2.2- A variedade na brincadeira

Durante o período pré-escolar a criança passa a maioria do seu tempo a brincar. “O brincar é extremamente característico na faixa etária dos 2 aos 6 anos”. (Smith,2006 p.25.)

Ser criança implica, obrigatoriamente, brincar, sendo esta a sua atividade principal. Desta forma a brincadeira é um assunto para ser levado muito a sério, porque brincar é essencial para o desenvolvimento de uma criança e é a brincar que ela descobre e aprende o funcionamento da vida humana. É através do jogo e da brincadeira que se aumenta a destreza e a coordenação, assim como a aprendizagem das regras sociais, do desenvolvimento, da linguagem, assim como de todas as formas de comunicar. Facilmente se conclui que a existência de uma criança é comandada pela brincadeira, tendo em atenção que brincar implica experimentar, treinar e aprender. A brincadeira, numa primeira abordagem, deverá surgir da interação com os pais e, só depois, a brincadeira se tornará produtiva junto de outros adultos próximos e de outras crianças.

Assim, a criança desempenha diferentes tipos de brincadeira, o que denuncia uma grande variedade relativamente ao modo como as crianças brincam. Variedade esta que permite classificar a brincadeira de acordo com diferentes categorias, segundo os autores Papalia, Olds & Felman, 2001,p. 365:

- ✓ **Comportamento não ocupado**, o qual dá a entender que a criança não está a brincar mas no entanto olha para algo de interesse momentâneo;



Figura 3: Crianças a observarem uma capoeira em contexto de creche

- ✓ **Comportamento de espectador**, em que a criança passa a maioria do seu tempo a olhar para a brincadeira das outras crianças;
- ✓ **Jogo solitário independente**, no qual “a criança brinca sozinha com os brinquedos que são diferentes daqueles com que as crianças que estão ao lado brincam e não faz qualquer esforço para se aproximar delas.”;



Figura 4: Criança a brincar no tapete em contexto de jardim de infância

- ✓ **Jogo paralelo**, através do qual a criança é independente na brincadeira onde está rodeada por outras crianças que brincam com os mesmos brinquedos mas que poderá ser feito de formas diferentes. Neste jogo “a criança não tenta influenciar o jogo das outras crianças.”;



Figura 5: Crianças a brincarem na área das construções em contexto de jardim de infância

- ✓ **Jogo associativo**, em que a criança brinca com outras crianças e falam sobre a brincadeira na qual emprestam e pedem brinquedos emprestados. Neste tipo de brincadeira a criança tem tendência a controlar quem pode brincar no grupo e todas brincam de forma semelhante, não havendo divisão de tarefas nem organização em função de um objetivo. Cada criança brinca conforme o seu desejo e encontra-se mais interessada em brincar com as outras crianças do que na atividade em si;



Figura 6: Crianças a brincarem na área da casinha

- ✓ **Jogo suplementar cooperativo ou organizado**, onde a criança brinca com outras crianças em função de um objetivo, ou seja, fazem algo ou dramatizam uma situação em que uma criança controla quem pertence ao grupo e dirige a brincadeira. “através de uma divisão de tarefas, as crianças assumem diferentes papéis e completam os esforços umas das outras.”



Figura 7: Crianças a brincarem na área da mercearia em contexto de jardim de infância

“Muitos teóricos e educadores acreditam que a experiência do brincar é a maneira ideal de desenvolver a criatividade e a imaginação, uma vez que ficam livres para experimentar novas ideias no brincar e podem expressar-se à sua própria maneira, especialmente no jogo simbólico e no brincar de faz-de-conta em que podem inventar papéis e criar uma história, guiadas livremente pela própria imaginação”(Moyles, 2006, p.26.)

Santos (2009) defende o enfoque teórico dado ao brincar, de acordo com vários pontos de vista:

- ✓ Do *ponto de vista filosófico*, o brincar é visto como um mecanismo para contrapor a racionalidade;
- ✓ Do *ponto de vista sociológico*, o brincar é considerado a forma mais pura de inserção da criança na sociedade. Ao brincar, a criança assimila crenças, costumes, regras, leis e hábitos do meio em que vive;
- ✓ Do *ponto de vista psicológico*, o brincar está presente em todo o desenvolvimento da criança nas diferentes formas de modificação do seu comportamento;
- ✓ Do *ponto de vista da criatividade*, tanto brincar como criar estão centrados na procura do “eu”. É a brincar que se desenvolve a criatividade e é a criar que se brincar com as imagens e signos fazendo uso do próprio potencial;
- ✓ Do *ponto de vista pedagógico*, o brincar é revelado como uma estratégia de aprendizagem para a criança.
- ✓ Através do brincar, a criança aumenta a sua independência estimulando a sua sensibilidade visual e auditiva onde valoriza a sua cultura popular e desenvolve habilidades motoras. Com o decorrer desta ação, a criança exercita a sua imaginação, a sua criatividade, torna-se social e interage com o mundo que a rodeia, havendo uma alteração das suas emoções, uma necessidade de conhecer e construir os seus próprios conhecimentos do seu mundo.

- ✓ Recorrendo às brincadeiras lúdicas, a criança consegue representar muitas situações vividas no seu dia a dia, não só através da imaginação mas também no faz de conta. A representação que a criança faz do seu cotidiano surge através das experiências do passado e possíveis interpretações e reproduções da realidade.

2.2.3- O brincar - uma forma de aprendizagem pela ação

A brincadeira surge no mundo da criança como um meio de ação através do qual ela aprende, interpretando e reproduzindo a realidade, pelo que brincar tem de ser levado muito a sério pelos adultos, não esquecendo que também eles aprenderam através desse meio de ação, o que os ajudou a crescer e a amadurecer. Assim, a brincadeira tem de ser respeitada e assumida como extremamente necessária para que uma criança cresça de forma integrada e harmoniosa.

Por tudo isto, a aprendizagem pela ação é definida como “ a aprendizagem na qual a criança, através da sua ação sobre os objetos e da sua interação com pessoas, ideias e acontecimentos, constrói novos entendimentos.” (Hohmann & Weikart, 2003, p.22).

A aprendizagem pela ação implica quatro elementos críticos:

- ✓ Ação direta sobre os objetos;
- ✓ Reflexão sobre as ações;
- ✓ Motivação intrínseca, invenção e produção;
- ✓ Resolução de problemas.

No que respeita à *ação direta sobre os elementos*, a criança aprende utilizando diferentes materiais como naturais, de desperdício, objetos de casa, brinquedos, equipamento e ferramentas. As crianças adquirem este tipo de aprendizagem quando manipulam os objetos utilizando os seus sentidos para descobrir características desses objetos. “Através deste tipo de experiências «concretas» com materiais e pessoas, as crianças começam gradualmente a formar conceitos abstratos.” Idem, p.22.

Na *reflexão sobre as ações*, as crianças têm necessidade de interagir de forma consciente e refletida sobre o mundo para que o possam compreender. “a compreensão que as crianças têm sobre o mundo desenvolve-se quando elas levam a

efeito ações surgidas da necessidade de testar ideias ou de encontrar respostas a questões.”

Relativamente à *motivação intrínseca, invenção e produção*, os interesses pessoais da criança, bem como as suas questões e intenções conduzem a criança à exploração, experimentação e construção de novos conhecimentos e compreensões. “Enquanto as criações das crianças são, por vezes, desorganizadas, instáveis e irreconhecíveis aos olhos dos adultos, o processo através do qual as crianças pensam nas suas criações e as produzem é a forma como acabam por compreender o mundo.” (Hohmann & Weikart, 2003, p.24)

No que respeita à resolução de problemas, “as experiências nas quais as crianças produzem um efeito que podem ou não ter antecipado são cruciais para o desenvolvimento das suas capacidades de pensamento e raciocínio.” (idem, p.24)

2.2.4- Brincar no Jardim de Infância - Finalidades/Objetivos

No que diz respeito à atividade lúdica, esta desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, podendo ser considerada um instrumento de aprendizagem para as crianças. Poderá servir ainda para conduzir a criança a recuperar energias por forma a cumprir as regras da sala, bem como as suas rotinas. O jogo ou atividade lúdica poderão ser utilizados como meio de aprendizagem, bem como de relaxamento.

Deste modo, o jogo desempenha uma função de relevo, já que proporciona um elevado grau de motivação nas crianças. Isto é, através do brincar as crianças ficam motivadas para a descoberta e aprendizagem do mundo que as rodeia, ou seja, com o jogo a criança consegue transmitir conhecimentos bem como adquirir novas aprendizagens.

Durante o estágio realizado em contexto de creche, o jogo preferido pelas crianças, com base nos autores Papalia, Olds & Felman era o jogo paralelo (2001,p.365) uma vez que apesar do grupo brincar todo, ao mesmo tempo, as crianças não influenciavam a brincadeira umas das outras. As crianças utilizavam os mesmos brinquedos mas com finalidades diferentes. Por exemplo algumas crianças utilizavam os carros de brincar em cima da “garagem” por forma a percorrerem o percurso desenhado nesse espaço e outras crianças utilizavam os carros no chão, imaginando, talvez, momentos da realidade, mais concretamente viagens realizadas com a família.

No que respeita ao estágio realizado em contexto de jardim de infância, o jogo suplementar cooperativo ou organizado era o mais comum naquele grupo de crianças. De facto, a maioria das vezes, as crianças brincavam na “área da casinha”. Brincavam umas com as outras, dramatizando situações da vida real em que cada criança tinha uma função diferente. Por exemplo, uma criança representava o papel de mãe e outra de pai. Algumas crianças eram os clientes da frutaria e outras eram os vendedores/comerciantes. As crianças saíam de casa para irem à frutaria comprar produtos alimentares. Durante esta dramatização, as crianças representavam não só as vivências em casa, pôr a mesa e lavar a loiça como também na loja, ao fazerem a venda de produtos, o pagamento com o respetivo troco, se necessário.

No decorrer do estágio desenvolvido ao longo do mestrado em contexto pré-escolar, tive a oportunidade de presenciar alguns momentos em que a criança se encontrava a brincar ao faz-de-conta representando papéis da vida real, mas imaginados por ela mesma, ou seja, a criança a certa altura brincava na área da casinha e representava a hora do almoço desempenhando algumas funções tais como por a mesa e servir à mesa.

Para comprovar algumas passagens do faz-de-conta registei o seguinte diálogo que ocorreu entre mim e a criança x, na área da casinha:

Criança: “Carla, vem à nossa casa”

Estagiária: “ Truz, truz!”

Criança: “ Entra, vem almoçar”

Estagiária: “Está bem, sento-me aqui?”

Criança: “ Sim, vou buscar o garfo e a faca”;

Estagiária: “ Obrigada. Então e como na mesa assim?”

Criança: “ Não, eu vou buscar um prato.”

Estagiária: “ Obrigada, o que vai ser o meu almoço?”

Criança: “ Vai ser salsicha com molho e iogurte”

Estagiária: Hum, que bom! (fingi que estava a comer).”

Passados alguns segundos:

Estagiária: “ Já acabei de comer, o que temos que fazer?”

Criança: “ Lavar a loiça”

Estagiária: “Lavo eu?”

Criança: “Não, eu lavo”.

Estagiária: “ Queres ajuda?”.

Criança: “ Não, eu lavo sozinha”;

Estagiária: “Está bem, obrigada. Até amanhã.”

Criança: “ Logo vem cá jantar a casa para veres o meu bebé”;

Estagiária: “Está bem, obrigada. Até logo.”

Criança: “Até logo, depois toca à campainha.”

Após esta brincadeira concluí que a criança, através da imitação, reproduziu acontecimentos diários passados em sua casa, junto de familiares, possivelmente junto da mãe ou de alguém que lhe é muito próximo, que lhe permitiram socializar-se no decorrer da sua existência. Assim, a criança aprende com a brincadeira regras e atitudes que mais tarde lhe serão úteis. Deste modo, assistimos a uma aprendizagem por prazer e não por imposição que resulta da representação de papéis baseados em experiências da vida real, o que está de acordo encontro com as seguintes palavras:

“As crianças testam suas ideias e atitudes em várias situações diferentes e praticam o que acontece na vida real.” (Moyles, 2006, p.115).

Assim, de acordo com Janet, “ O brincar espontâneo passou a ser visto não só como importante, mas também como um componente essencial do desenvolvimento social e intelectual da criança, e de seu desenvolvimento criativo e pessoal.” (Moyles & Cols, 2006, p.29)

Ao longo do estágio, verifiquei que as crianças optavam por jogos em que havia uma participação de todos. Nenhuma criança assumia a atitude de mero observador, participando ativamente. Realço também o facto de, algumas vezes, as crianças optarem pelo jogo solitário independente.

A criança brinca porque inatamente gosta de brincar e se isso não acontece é porque algo pode não estar bem. Se por um lado existem crianças que brincam por prazer,

outras brincam porque têm necessidade de dominar angústias, de libertar a sua agressividade. O brincar livremente, ou mesmo o jogo dirigido podem tornar-se uma forma terapêutica, poderão ser uma forma de aliviar tensões ou extravasar emoções.

Na minha opinião, e com base em observações diretas, a brincadeira é realmente importante para a criança, uma vez que ela recorre a esta ação para acalmar ou para libertar energias. Na verdade, quando as crianças se encontram a realizar uma atividade orientada pelo educador, como por exemplo a “criação de conjuntos de animais”, que exige alguma concentração por parte da criança, esta, passado algum tempo, sente necessidade de brincar para descarregar energias.

2.2.5- A brincadeira ao ar livre

Brincar ao ar livre/ exterior assume uma grande importância para o desenvolvimento infantil, essencialmente a nível cognitivo e motor. Isto porque as crianças ao brincarem na rua têm acesso a diferentes brincadeiras, que não executam dentro da creche ou jardim de infância. Para Weikart (2003, p. 369), “neste período as crianças podem experimentar os sons e imagens do ar livre, usar o material e equipamento do recreio e brincar vigorosamente/sossegadamente.”.

As crianças ao brincarem no exterior são desafiadas a realizar descobertas do mundo que as rodeia bem como a proporcionarem momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças. A brincadeira ao ar livre faz com que as crianças utilizem um espaço com diferentes características.

Segundo Gabriela Portugal, “ao ar livre, no contato com areia, terra, água, flores, ervas, plantas, pedras, etc, as crianças encontram, naturalmente, desafios que se situam no prolongamento das suas capacidades e realizam descobertas insuspeitáveis e sempre renovadas, a criança acedendo física e sensorialmente ao mundo do conhecimento.” (Finalidades e Práticas Educativas em creche, p. 12).

2.2.6- A organização do espaço de brincadeira em contexto de jardim de infância

Na realidade, o espaço onde decorre a brincadeira assume bastante importância, pois pode constituir um estímulo para que a criança se sinta mais confortável no momento de brincar. Deste modo, existem espaços, uns mais agradáveis do que outros.

Na maioria dos jardins de infância encontram-se espaços conhecidos como “espaços de trabalho, os quais permitem à criança mover-se livremente pela sala e dedicar a sua energia e atenção ao que realmente a motiva e interessa.” (Marina Editores, Manual da Educação Infantil, p. 206.)

No âmbito das estratégias para a educação infantil, uma sala de atividades, normalmente, encontra-se organizada em cinco zonas ou espaços: a zona de plástica, zona de mesa, zona de tapete, zona de jogo simbólico e zona de trabalho em papel.

A organização dos espaços tem uma finalidade:

- ✓ Desenvolver as capacidades e potencialidades nos diferentes aspetos da pessoa, intelectual, afetivo, social ou outros;
- ✓ Permitir que cada criança possa aprender e trabalhar segundo as suas próprias características e o seu próprio processo de aprendizagem;
- ✓ Permitir processos de descoberta e investigação em relação à realidade que a rodeia, o meio imediato, os materiais ou os companheiros;
- ✓ Enfrentar diferentes problemas da vida quotidiana de forma simples e sem medo de errar, e procurar diferentes soluções;
- ✓ Potenciar uma progressiva autonomia em relação ao próprio trabalho;
- ✓ Trabalhar para a construção de um sentimento de responsabilidade crescente em relação aos materiais e recursos colocados ao seu alcance;
- ✓ Estimular o trabalho individual e o trabalho cooperativo através de várias atividades de aprendizagem.

(Marina Editores, 2002, p.207).

No que respeita aos materiais de um espaço, estes devem ter algumas características básicas sendo que cada espaço deverá contar com diferentes tipos de material:

- ✓ O material necessário, com diferentes materiais, nem com muita nem com pouca quantidade e relacionados com o tema que se desejar trabalhar;

- ✓ O material acessível, embora nem todo deva estar à disposição da criança;
- ✓ Uma ordem e um sistema de identificação do material, ou seja, caixas cestos, gavetas, etiquetas, entre outros;
- ✓ Um certo nível de conservação e reposição do material;
- ✓ Material colorido, agradável no aspeto estético e seguro.

(idem)

Durante o estágio realizado em contexto de jardim de infância, consegui adquirir uma melhor perceção da organização do espaço e da sua relação com a oportunidade da criança brincar. De facto, o espaço de brincadeira é um estímulo à aprendizagem, partindo do princípio que a criança aprende a brincar. A sala dos quatro anos, na qual realizei o meu estágio de observação e intervenção, estava organizada pelas/os áreas/espacos:

- ✓ Tapete/biblioteca;
- ✓ Casinha/mercearia;
- ✓ Fantasia;
- ✓ Garagem;
- ✓ Construções;
- ✓ Pintura;
- ✓ Jogos de mesa;
- ✓ Ciências;

Os materiais respetivos de cada área eram de fácil acesso. Os brinquedos correspondentes à área das construções encontravam-se dentro de um cesto para uma melhor arrumação; os acessórios do faz-de-conta correspondentes à área da casinha estavam dentro de um armário e os acessórios da fantasia estavam arrumados dentro de uma caixa de fácil acesso.

Quanto ao material de pintura, os pincéis encontravam-se dentro de umas latas em cima de um móvel. As crianças só lhes tinham acesso quando facultados pela assistente operacional ou pela educadora de infância. Quanto às canetas de feltro de cor, com as quais as crianças ilustravam os seus desenhos, estas estavam dentro de caixas plásticas, cada criança tinha a sua própria caixa identificada com uma etiqueta.

Assim, “no espaço a criança aprende de maneira prática e lúdica, manipulando vários tipos de materiais, construindo o seu conhecimento quer de forma individual ou num pequeno grupo, e defronta-se diretamente com um tema que terá partido dos seus próprios interesses e necessidades.” (idem)

2.2.7- O brincar em contexto de aprendizagem

Na verdade, o brincar tem que ser encarado como uma atividade séria e não como um mero passatempo. Não pode, nem deve ser olhado como uma atividade que não assume qualquer tipo de importância para o crescimento das crianças (“As brincadeiras das crianças deveriam ser consideradas como a sua atividade mais séria.”, escreveu Montaigne). (Bethldeim, s.d, p. 288).

As brincadeiras alteram-se com as diferentes idades das crianças e dessas diferentes brincadeiras, as crianças vão aprendendo diferentes lições e noções da realidade. “A mais importante lição que as crianças aprendem com as brincadeiras é provavelmente a noção de que, quando perdem, o mundo não acaba (...) as crianças apercebem-se de que apesar de reveses temporários na vida podem contudo vir a ganhar, até na mesma situação exatamente em que experimentaram a derrota”. (Bethldeim, s.d, p. 289.) Por outras palavras, a brincadeira constitui um modo excelente de aprender a enfrentar a frustração. Este sentimento de frustração foi sentido durante a minha prática de estágio no momento em que as crianças não sendo as primeiras a descer no escorrega ou choravam, ou começavam a fazer birra ou desistiam da brincadeira. Nesse momento, aproximava-me dessas crianças incentivando-as a esperar na fila pela sua vez. O mesmo acontecia no momento em que a educadora punha em prática a estratégia do comboio para deslocar as crianças, da sala de atividades para o refeitório. Nesse momento acontecia que determinadas crianças, por não estarem na frente do comboio, recusavam-se a fazer parte das restantes “carruagens”.

Para além de servir como ponte de aprendizagem, a brincadeira funciona também como um modo de exprimir sentimentos e emoções, como defendia Freud. Assim, “Psicanalistas de crianças alargaram as ideias de Freud, que estava consciente dos

múltiplos problemas e emoções que as crianças exprimem pelas brincadeiras: outros, mostraram como se servem dos jogos para dominar as dificuldades psicológicas, extremamente complexas, do passado e do presente”. (idem,p. 300). Deste modo, a brincadeira pode constituir, de facto, uma estrada para compreender o mundo interior das crianças. “Pela maneira de brincar de uma criança podemos compreender como ela vê e constrói o mundo – o que ela gostaria que ele fosse, quais as suas preocupações e quais os problemas que a afligem. Através das suas brincadeiras, a criança exprime o que lhe seria muito difícil exprimir por palavras.” De facto, quando brincavam na área da casinha, determinadas crianças, ao manipular as bonecas, agiam com alguma violência tanto física como verbal, dando palmadas na boneca ou ralhando com ela.

2.2.8- O Papel do Educador na Gestão do Brincar

O educador de infância desempenha um papel fundamental na gestão do brincar e, de acordo com Hohmann & Weikart (2003,p.316), deverá respeitar algumas regras sendo elas:

- ✓ Procurar aberturas naturais nas brincadeiras;
- ✓ Juntar-se a crianças que brincam pondo-se ao seu nível físico;
- ✓ Brincar em paralelo com as crianças;
- ✓ Brincar com as crianças como um/a companheiro/a;
- ✓ Sugerir novas ideias que se interajam nas situações lúdicas que estão a acontecer;
- ✓ Procurar oportunidades naturais para conversar;
- ✓ Juntar-se às crianças e colocar-se ao nível de conversação delas ;
- ✓ Responder às indicações de conversa das crianças;
- ✓ Conversar com as crianças como um companheiro;
- ✓ Colocar perguntas com sensibilidade;

- ✓ Procurar crianças envolvidas em situações problemáticas;
- ✓ Permitir às crianças lidar com problemas e com perspectivas conflituosas;
- ✓ Interagir com, em vez de dirigir, as crianças;
- ✓ Apoiar, de forma direta e simples, conflitos não resolvidos;
- ✓ Encorajar a resolução de problemas;
- ✓ Jogos de arrumação;
- ✓ Ter expectativas realistas;

Como tal, e no que respeita a *procurar aberturas naturais nas brincadeiras*, “um adulto pode geralmente, juntar-se à brincadeira exploratória de uma criança sem a perturbar, simplesmente explorando os mesmos materiais de forma idêntica à dela.” (Hohmann & Weikart, 2003, p. 316). Desta forma, a brincadeira de faz-de-conta leva a que terceiros se associem à brincadeira e assumam papéis de apoio.

O educador, ao *juntar-se a crianças que brincam pondo-se ao seu nível físico*, deve simular a perspetiva da criança para que possa associar-se a elas com sucesso, isto é, quando uma criança está sentada no chão a brincar com instrumentos musicais e a cantar sozinha, o educador poderá juntar-se a ela, sentando-se também no chão e agarrar num outro instrumento para cantar e tocar juntamente. É importante que o educador comece e termine a canção quando a criança assim o entender e fazer com que o som da criança se sobreponha ao som do educador.

“É interessante notar que quanto mais os adultos tomam a iniciativa de se juntarem à brincadeira das crianças de uma forma respeitadora, mais as crianças estão aptas a convidá-los. Os investigadores relatam que quando as crianças veem os adultos a assumir um papel nas brincadeiras, aprendem que eles estão dispostos a brincar.” (Hohmann & Weikart, p.317)

Quando o *educador brinca em paralelo com as crianças*, estas normalmente são recetivas ao apoio de terceiros apesar de brincarem sozinhas. Ao brincar em paralelo, o educador brinca com a criança utilizando os mesmos materiais que a criança usa, utilizando-os da mesma forma ou de uma forma muito semelhante.

Relativamente ao *brincar com as crianças como companheiro*, a brincadeira poderá ser bem sucedida caso o educador desempenhe o mesmo papel que a criança ou o de seguidor da sua brincadeira na medida em que segue as regras impostas por ela. O educador/adulto deverá entrar no espírito da brincadeira, fazendo com que o seu discurso e ações se adaptem à mesma, não alterando as regras estabelecidas pelos mais pequenos. Na brincadeira, o educador ainda deverá conduzir as crianças a apoiar outras, para que elas reconheçam as capacidades de cada, uma brincando de forma cooperativa. Deste modo e de acordo com as palavras de Hohmann & Weikart (2003, p. 318) “A chave é a parceria – adultos a funcionarem como iguais e como seguidores”.

É importante que o *educador sugira novas ideias que se integrem nas situações lúdicas que estão a acontecer*, ou seja, o adulto consegue prolongar o “tema principal” de alguns momentos lúdicos. Através desta ação, o educador poderá estimular o pensamento e raciocínio da criança para que haja “uma expansão da brincadeira e, conseqüentemente, a sua compreensão”. (Hohmann & Weikart, 2003, p.321)

Durante esta ação o educador procura oportunidades para dialogar com as crianças de forma a acompanhá-las, respeitando as suas orientações e fazendo com que as mantenham o controlo do diálogo. “Quanto mais as crianças conversam, mais colocam em palavras os seus próprios pensamentos e experiências e mais se envolvem na interpretação e compreensão do seu mundo”. (idem,p. 322).

O adulto deverá *procurar oportunidades naturais para conversar*, as quais são mais fáceis de ocorrer quando as crianças param para observar aquilo que fizeram até esse momento. Assim, as crianças que “interromperem, completarem, ou mudarem os seus planos podem achar que conversar com um adulto as pode ajudar a clarificar aquilo que fizeram ou aquilo que pretendem fazer em seguida”. (idem, p.322).

Estas conversas são mais prováveis de acontecer quando as crianças descrevem aquilo que estão a fazer, que fazem de conta que representam papéis, que exploram, manipulam ou repetem ações, que param durante a brincadeira e que interrompem, completam ou mudam de planos. (idem,p.322)

No que respeita ao *juntar-se às crianças e colocar-se ao nível de conversa delas*, é importante que o educador se posicione junto das crianças ao seu nível físico para que elas não necessitem de olhar para cima e não sintam que o educador está a olhar de alto para elas. Assim, na maioria das vezes, o educador posiciona-se de cócoras, de

joelhos, sentado-se no chão e, por vezes, deitando-se no chão. “Os adultos devem «encolher» para ficarem do tamanho das crianças, por forma a que entre eles e as crianças possam existir facilmente conversas agradáveis”. (idem, p. 322)

Ao *responder às indicações de conversa das crianças*, se o educador estiver disponível para conversar com as crianças há probabilidade de estas se dirigirem aos adultos ou darem o primeiro passo para os envolver nas conversas.

O educador/adulto *deve conversar com as crianças como um/a companheiro/a*, em que “tenta passar o controlo da conversa para as crianças, sempre que têm oportunidade”. (idem, p.324)

Na maioria das vezes o educador espera que a criança inicie a conversa. Contudo, o mesmo adulto pode iniciar a conversa e deixar que a criança decida se continua ou não o diálogo. A forma mais apropriada de iniciar o diálogo é fazer um comentário ou uma observação.

É bastante importante que o educador *coloque perguntas com sensibilidade*, uma vez que existem questões que podem abafar as conversas e outras questões que podem estimulá-las. De facto, “Os adultos tendem a recorrer a questões tipo teste quando se centram em temas e tarefas que estão para além da compreensão e interesse das crianças.” (idem, p.325), sendo estas questões aquelas que abafam as conversas, como acontece quando se pergunta, por exemplo, “Que cor é essa?” ou “ Isso é uma casa?”. Pelo contrário se o adulto perguntar à criança “ O que é que esse peixe está a fazer?” ou “ O que é que achas que podia acontecer se...?”. Em suma, o educador/adulto conseguirá estimular a conversa com uma criança quando:

- Colocar *questões com economia*, uma vez que estas “poderão ajudar as crianças a dar atenção, descrever e tornarem-se conscientes dos seus próprios processos de pensamento”. (idem, p.326) Não se deverá esquecer de apoiar a necessidade que a criança sente em colocar questões e responder-lhes. “Um adulto poderá colocar uma questão para iniciar uma conversa, mas depois deverá seguir o caminho definido pela criança. (p.326)
- *Relacionar as questões diretamente com aquilo que a criança está a fazer*, contribuindo com algo favorável em vez de por fim à conversa quando esta surge a partir de uma situação imediata.

- *Procurar crianças envolvidas em situações problemáticas, prestando atenção às crianças que precisam de ajuda, principalmente crianças envolvidas em brincadeiras construtivas.*

- *Permitir às crianças lidar com problemas e com perspectivas conflituosas, não interferindo nas tentativas de resolução de problemas feitas pelas crianças. “Sentar-se junto das crianças. Fazer isto tão frequentemente quanto possível, em vez de se manter muito móvel ao longo de todo o tempo de trabalho. Se bem que deva manter-se alerta sobre aquilo que se está a passar na maior parte do espaço de brincadeira, tendo para isso que se levantar frequentemente e se deslocar para junto dos resolutores de problemas; dê às crianças mais tempo para ordenar as ideias autonomamente, ou para gerar as suas próprias soluções que virão depois a experimentar.” (idem, p.331). Assim, o educador deve “dar tempo às crianças para utilizarem as suas aptidões de resolução de problemas e enviar uma criança até junto de outra.” (idem, p. 331)*

- *Interagir com, em vez de dirigir, as crianças, ou seja, deverão conversar com as crianças como parceiros e não dando ordens.*

3- Metodologia Utilizada

Para proceder à realização deste relatório de estágio tive que desempenhar o papel de investigador, ou seja, ter em atenção duas dimensões essenciais: a dimensão técnica e a dimensão ética. A primeira diz respeito a todos os métodos e ferramentas à disposição de quem investiga com a finalidade de realizar o trabalho de pesquisa científica. Já a segunda, diz respeito à atitude, postura e comportamento do investigador, ou seja, às fontes que utiliza bem como aos dados recolhidos e às conclusões que formula.

Durante a realização deste relatório de estágio recorri a uma metodologia de investigação, denominada metodologia (auto)biográfica, tendo sempre em mente a minha questão de investigação: “Qual a importância do brincar na aprendizagem da criança em Educação de Infância?”

A escolha desta metodologia tem por objetivo uma observação direta da realidade relativamente ao modo como as crianças brincam. De facto, através desta observação é possível tirar algumas conclusões sobre a personalidade da criança, permitindo uma intervenção imediata orientada caso haja necessidade disso.

Por outro lado, o profissional que opta por esta metodologia, tem por objetivo analisar/estudar o comportamento das crianças quando brincam, tendo em conta que cada criança tem a sua própria manipulação dos brinquedos, dando-lhe cores e significados que estão de acordo com a sua fantasia.

No que respeita à metodologia (auto)biográfica, esta corresponde a uma reestruturação de um ato ou história individual, a qual transmite uma imagem de um sistema social, ou seja, a história ou descrição de um ato. (Ferratori, p.28)

De acordo com Ferratori, esta investigação científica consiste em estabelecer uma relação entre uma pessoa e o mundo que a rodeia por forma a que haja uma compreensão entre o “eu” e o “outro”.

O método auto(biográfico) tem como objetivo transmitir o que é pessoalmente vivido, tratando-se, deste modo, de uma pesquisa que ultrapassa os simples acontecimentos vividos, na medida em que envolve a apreensão e análise de contextos pessoais que caracterizam a singularidade de cada indivíduo. Deste modo, no meio científico, as narrativas auto(biográficas) surgem enquanto métodos qualitativos em detrimento dos quantitativos, significando que se valoriza o próprio sujeito e as suas experiências e formas de representar o mundo. Assim, este método valoriza a experiência humana como objeto de conhecimento, que pode ser analisado e interpretado, para que se possa desenvolver, crescer e aprender a partir de experiências pessoais.

Para Josso(2004), a experiência que caracteriza as narrativas (auto)biográficas considera-se experiência formadora, sendo esta caracterizada como processo de aprendizagem e conhecimento elaborado em três níveis: 1) das aprendizagens e conhecimentos existenciais; 2) das aprendizagens e conhecimentos instrumentais e pragmáticos; e 3) das aprendizagens e conhecimentos compreensivos e explicativos.

Assim, para Josso (2004) “ [...] a formação experiencial designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou involuntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, conscientes), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendiz em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registos.”

Tratando-se de uma experiências formadora, o método (auto)biográfico envolve processos formativos, aprendizagem da profissão, assim como desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo, encontrando-se este quer dentro ou fora de programas de formação.

Toda a pesquisa que recorre a narrativas (auto)biográficas tem como objetivo mostrar o que foi vivido pessoalmente pelo indivíduo, o que constitui uma forma particular de apreender a experiência, o que vai ao encontro das palavras de Chené (1988), que afirma “ a narrativa de formação serve de charneira para a compreensão da experiência, pois engloba e ultrapassa o ´vivido`. Encontramos nela o antes e o depois, fora e o dentro da experiência presente, com o distanciamento próprio da escrita. Para mais, os percursos narrativo e discursivo tecem no texto a dinâmica da relação com o saber, da relação com os outros e também da relação com os diferentes aspetos do **eu**.”

A narrativa (auto)biográfica dá a conhecer a experiência de acordo com a perspetiva do indivíduo que a viveu, sendo contada por esse mesmo indivíduo, pelo que “no processo de investigação não temos acesso direto à experiência do outro, de forma que lidamos apenas com a representação dessa experiência por meio do ouvir contar, dos textos, da interação que se estabelece e das interpretações feitas. (Galvão 2005.)

Todo aquele que se propõe fazer uma narrativa (auto)biográfica, vai lembrar os vários acontecimentos, enumerando as várias sequências da experiência vivida tanto individual como coletiva, o que implica estados intencionais e preservação de perspetivas particulares, o que nos pode levar a concluir que esta narrativa tem muito de subjetivo, já que informa acerca das implicações da pessoa com a sua experiência, isto é, a forma como ela vê, sente, avalia, julga, compreende e representa a história da sua vida. Tudo isto, tendo em consideração que a narrativa (auto)biográfica consiste numa “ [...] tentativa de dar acesso a um percurso interior que evolui correlativamente (mesmo quando há desfasamentos temporais) para um percurso exterior caracterizado por acontecimentos, atividades, deslocamentos, relações contínuas e encontros, pertenças, etc. É precisamente na exposição por meio da linguagem das componentes objetivas deste itinerário exterior que se exprime, implícita ou explicitamente, o olhar lançado sobre ele e as dimensões sensíveis que dão cor a essas vivências ou experiências [...]” Josso, 2004.

O método biográfico recorre a materiais primários e secundários. Enquanto os materiais biográficos primários assumem uma natureza subjetiva, dizendo respeito às narrativas (auto)biográficas, e sendo recolhidos diretamente pelo investigador, os materiais biográficos secundários são caracterizados pela sua objetividade, incluindo fotografias, testemunhas escritas, documentos oficiais, processos verbais, recortes de jornais, entre outros. Tradicionalmente, o método biográfico tem dado preferência aos materiais secundários, devido à sua objetividade. Contudo, há um esforço para que os materiais biográficos primários passem a assumir um papel preponderante enquanto fonte de conhecimento reconhecida.

As narrativas auto(biográficas), enquanto processo de investigação, surgem como uma forma de repensar a realidade profissional do educador, uma vez que dão conta do que é simples, do que é comum, do que é quotidiano, em detrimento de grandes explicações. De facto, o educador pode dar a conhecer as suas necessidades

formativas através destas narrativas, colocando-se como pessoa, profissional e ator social, sendo o centro do seu processo de formação e de todas as questões que se formulam em torno desse mesmo processo.

Neste sentido, transcrevem-se as palavras de Reis, 2008 “ (...) a narrativa surge como a metodologia mais adequada à compreensão dos aspetos contextuais, específicos e complexos dos processos educativos e dos comportamentos e decisões dos professores (...).”

Após uma análise acerca da teoria do método (auto) biográfico, concluo que a teoria se reflete na prática, uma vez que aquele que observa/investiga procede a uma interpretação acerca daquilo que observa.

Interpretação esta, que constitui uma mais valia para aquele que observa do que para qualquer outro a quem essa observação é narrada. Na verdade, é o investigador/observador que vive a experiência.

3.1- Instrumentos de recolha de dados

3.1.1- Diários de bordo

(anexo A)

Durante os estágios que realizei, recorri a diários de bordo enquanto método de recolha de informação. Estes diários eram elaborados diariamente, após cada dia de estágio, nos quais fazia uma descrição de todos os acontecimentos ocorridos que envolviam as tarefas e atividades das crianças. De igual modo, eram registadas todas as atividades elaboradas pela educadora, bem como as de outros profissionais, como acontecia com as aulas de expressão motora e expressão musical. As atividades prestadas pelas auxiliares de educação eram também registadas nesses mesmos diários. Eram registadas todas as atividades quer fossem realizadas no interior ou no exterior, no recreio ou fora das instalações de ensino, como aconteceu com o grupo de jardim de infância, no momento em que se efetuou uma visita de estudo à quinta da montanha, localizada em Mafra.

Para além de funcionarem como um registo de atividades, estes diários de bordo funcionaram como documentos importantes na análise da evolução de comportamentos e aprendizagens das crianças. Deste modo, estes documentos constituíram uma ferramenta essencial para que pudesse elaborar as reflexões de observação e intervenção.

Os diários de bordo surgem como documentos repetitivos no que diz respeito às atividades de higiene, horários específicos de alimentação, assim como horários específicos para a realização de atividades previamente planeadas pela respetiva instituição. Todavia, o carácter repetitivo deste tipo de documentos, não impede que sejam, uma fonte extremamente rica de aprendizagens, na medida em que abordam o modo como as crianças reagem perante as mais diversas atividades, permitindo ao educador ver e aprender o que é ser criança.

3.1.2- Planificações

(anexo B)

Planear consiste num “processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança implicando assim, que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.” (Ministério da educação, 97,p.26).

As planificações surgiram como método de orientação das atividades a realizar durante os estágios. Funcionaram como tarefa obrigatória, exigida pelas instituições onde esses mesmos estágios foram realizados, assim como pela escola orientadora dos estágios, a Escola Superior de Educação de Santarém.

De facto, os educadores realizam planificações com um objetivo, “ planificam para dar um rumo às suas atividades pedagógicas e gerir eficazmente o seu tempo de interação com os alunos.” (José Tavares & Isabel Alarcão, 1999, p. 159).

As planificações eram elaboradas diária ou semanalmente. Relativamente às planificações semanais, estas diziam respeito às atividades educativas que pretendia realizar durante uma semana assim como as atividades de rotina. No que diz respeito às planificações diárias, estas eram geralmente elaboradas com dois dias de antecedência, uma vez que tinham que ser verificadas pela professora orientadora bem como pela educadora cooperante. Só depois de aprovadas é que estas planificações poderiam ser postas em prática.

Nesta planificação registava o tema da atividade que pretendia explorar nesse dia, assim como as áreas de desenvolvimento, os objetivos, as estratégias a utilizar, bem como os materiais e os métodos de avaliação indiretos a que as crianças eram sujeitas.

Ao realizar este tipo de planificações o objetivo era orientar todas as minhas atividades para que soubesse a sequência dos vários momentos da atividade, de modo a que nada falhasse no momento de pôr em prática a atividade, assim como prevenir a ocorrência de momentos “mortos”. Este documento servia como uma preparação prévia da minha parte e simultaneamente como apoio no momento em que pudesse surgir a pergunta “e agora o que é que eu faço?”.

Embora as atividades fossem planificadas para um só dia, muitas das vezes tinham que ser concluídas no dia seguinte. Por vezes, surgiam situações imprevistas que impediam a realização de determinada tarefa, como aconteceu num dia em que houve uma simulação de incêndio. Também ocorriam outros imprevistos, nomeadamente o tempo que cada criança necessitava para a elaboração de uma mesma atividade.

Não só os diários de bordo como também as planificações foram efetuadas tendo sempre em mente a questão de investigação que deu origem ao meu relatório final de estágio, “Qual a importância do brincar?”. Deste modo, ambas as metodologias, serviram de base para analisar o brincar no âmbito da aprendizagem.

3.1.3- Avaliações

(anexo

C)

No âmbito do trabalho do educador existem momentos de avaliação e de reflexão muito específicos e com diferentes objectivos.

Qualquer momento de avaliação constitui um processo através do qual o educador verifica se as crianças estão a pôr em prática o que foi planificado, mas também serve para o educador fazer uma auto-avaliação acerca das tarefas por si planeadas. Deste modo, a avaliação “implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (Ministério da Educação, p.27, 1997.)

3.1.4- Reflexões

(anexo D)

A reflexão tem também ela dois momentos distintos. A reflexão ao longo do processo, um momento em que o educador, após uma avaliação, se fecha sobre si próprio para ponderar sobre o que observou da ação com as crianças. Ao refletir acerca dos aspetos mais conseguidos e os menos conseguidos poderá, se for caso disso, encontrar novas formas de refazer o caminho que vinha percorrendo.

O outro momento acontece no final do processo em que o educador reflete, avalia a sua prática, reconhece momentos menos bem conseguidos e no ano seguinte reformula segundo as necessidades da aprendizagem ou aprendizagens apontadas como menos conseguidas, nesse momento de reflexão.

A avaliação funciona em círculo com a reflexão, a reformulação e a planificação. Avalia-se, reflete-se, reformula-se e planifica-se. Ou planifica-se, avalia-se, reformula-se e planifica-se de novo. São procedimentos que andam de mãos dadas ao longo de qualquer processo de aprendizagem. Só assim se progride enquanto profissional inserido num processo educativo.

Tanto a avaliação como a reflexão surgem como uma tomada de consciência da ação, permitindo ao educador progredir a nível das aprendizagens que pretende realizar com as crianças pelas quais é responsável.

Ambas constituem atividades educativas fundamentais não só para a criança como também para o educador, o que vai ao encontro do que é estabelecido pelo ministério da educação quando afirma “A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento”. (ministério da educação, p.27, 1997).

4- Parte III

4.1- Análise e Discussão dos Dados

A análise de conteúdo é um fator relevante e, no meu caso específico, teve por base as planificações por mim elaboradas, enquanto educadora de infância em formação, visando orientar o meu trabalho, para que os resultados pretendidos se aproximassem dos objetivos iniciais traçados.

Note-se que as planificações surgem como um passo obrigatório. Assim, “por planificação entende-se a atividade que consiste em definir e sequenciar os objetivos do nosso ensino e da aprendizagem dos nossos alunos, determinar processos para avaliar se eles foram conseguidos, prever algumas estratégias de ensino/aprendizagem e selecionar materiais auxiliares”. (Isabel Alarcão & José Tavares, 1999, p. 158).

A análise seguidamente apresentada diz respeito à temática “Aprender e Brincar” de acordo com a perspetiva da prática de uma educadora de infância em formação. Assim, serão analisados, em particular, tópicos relativos ao assunto que diz respeito ao que o educador poderá fazer a partir da brincadeira livre e orientada das crianças.

Note-se que, a palavra brincar assume sentidos diferentes consoante a perspetiva do educador enquanto adulto, e consoante a perspetiva de crianças entre os quatro e cinco anos de idade. Assim sendo, todas as atividades por mim planeadas assumem a intenção de ensinar/aprender, enquanto que para a criança que as executa, essas atividades são meras brincadeiras. Brincadeiras estas, que sendo orientadas, se distinguem das brincadeiras livres, uma vez que assumem uma intensão educativa por parte de quem as planeou.

De acordo com Figueiredo, M “(...) os termos brincadeira, jogo e lúdico podem ser vistos com um mesmo conceito, isto é, como atividades livres ou dirigidas, que tenham um carácter de não seriedade, capazes de envolver seus participantes e gerar prazer.” (s.d, p.1)

No meu caso específico as planificações foram elaboradas semanalmente e as tabelas apresentadas neste capítulo têm por objetivo mostrar os resultados obtidos após a aplicação prática das planificações por mim elaboradas.

Enquanto Educadora de Infância o meu papel foi o de ser mediador entre o que planeei e o que as crianças conseguiam fazer na realidade, quando punham a brincadeira, por mim planeada, em prática. As crianças começaram por brincar livremente e, tendo em mente os objetivos das minhas planificações, orientava-as no sentido de atingir os resultados que pretendia observar e, ou obter com a brincadeira. Mediante a minha intervenção, pude observar que as crianças aderiam às minhas orientações. As orientações por mim fornecidas eram sempre feitas de forma a que eu também entrasse na brincadeira, tentando ser como elas. Verifiquei que as crianças aderiam facilmente ao que lhes propunha sem serem forçados a realizarem algo que lhes desagradasse.

Todas as brincadeiras foram postas em prática sem qualquer tipo de rejeição por parte dos seus recetores. Deste modo, as planificações apresentavam resultados positivos e surgiram como uma mais valia para o desempenho da minha tarefa. As planificações permitiram ter sempre ideias sobre o que fazer a seguir não havendo tempos mortos. Concluo que ao planificar as brincadeiras que pretendia realizar diariamente, nunca tive necessidade de colocar a questão “e agora o que faço?.”

As planificações não são apenas teoria, elas ajudam bastante na prática. Uma planificação surge como um item obrigatório que o educador tem que realizar, sendo depois arquivadas, quase que anuladas mas, de facto, elas cumprem o seu papel de ajudar o educador a estruturar-se e a crescer enquanto profissional.

A fim de organizar toda a informação que recolhi, procedi à construção de cinco tabelas, sendo que a primeira constituí uma análise mais generalizada dos dados, enquanto que as seguintes analisam os dados mais detalhados, relativamente a planificações, avaliações, diários de bordo e reflexão final. É importante esclarecer que nas tabelas surge a expressão “atividades livres/orientadas”, surge como sinónimo de brincadeiras livres/orientadas.

Ao realizar as planificações, exerci o papel de educador-planificador, uma vez que estruturei tarefas de modo a levar as crianças a uma aprendizagem estruturada, bem como educador-facilitador, pois estava sempre disponível quando surgiam dúvidas, dificuldades ou problemas, no momento em que as crianças brincavam livremente sob

Quanto à planificação e ao papel do educador verifiquei que o meu papel foi interventivo tanto nas brincadeiras livres como orientadas, uma vez que colocava questões (em atividades como “mais, menos ou a mesma água?”); distribuía materiais para as crianças manusearem (“flutua ou não flutua?”), narrava histórias (“O girassol solitário”) ou mostrava imagens (os cogumelos). Note-se que os exemplos que se encontram entre parênteses são apenas alguns exemplos, uma vez que existem outras atividades/brincadeiras onde se constatam as mesmas questões, como se pode verificar pela leitura das tabelas apresentadas. Quando a brincadeira era livre, ou seja, quando constituía uma atividade da própria iniciativa da criança, eu assumia participativo, pois a criança solicitava-me para que me juntasse às suas brincadeiras, como acontecia na área da casinha.

Para clarificar o que anteriormente foi dito, destaco as palavras de Queiroz, N; Maciel D et Branco A, “ O professor também pode brincar com as crianças, principalmente se elas o convidarem, solicitando sua participação ou intervenção. Mas deve procurar ter o máximo de cuidado respeitando sua brincadeira e ritmo; sem dúvida, esta forma de intervenção é delicada, por ser difícil o adulto participar da brincadeira sem destruí-la; é preciso muita sensibilidade, habilidade e bom nível de observação para participar de forma positiva.”

No que toca às avaliações, o meu papel foi o de avaliar as minhas próprias estratégias, assim como ser prespicaç no que toca à perceção da capacidade, implicação e criatividade da criança, o que nem sempre constituiu tarefa fácil, uma vez que se torna uma tarefa complexa o facto de orientar a atividade/brincadeira e, simultaneamente, estar alerta para avaliar cada criança, pelo que, muitas vezes as avaliações são feitas tendo em conta a globalidade do grupo. Note-se que, este aspeto não se encontra registado nas tabelas apresentadas. Destaco, no âmbito das avaliações, a estratégia que utilizei quando narrei a história “Lola na quinta” através de um avental, que surge designado nas tabelas como “o avental das histórias.” Utilizando este avental, apercebi-me que as crianças estavam extremamente atentas. Tratava-se de um avental verde que tinha colocado em mim mesma ao qual eu coleí imagens reais de animais, para além de ter feito uma cerca em cartolina que coloquei à volta da cintura.

Quando se menciona que avaliei a implicação da criança, significa dizer que percecionei o seu maior ou menor envolvimento na atividade/brincadeira por mim proposta. Isso aconteceu aquando da “construção do espantalho”, por exemplo. De facto, foi uma das atividades/brincadeiras em que as crianças demonstraram grande entusiasmo uma vez que pareciam ansiosas para ver o resultado da sua própria criatividade, construindo e colorindo a cabeça do boneco à sua maneira.

Quanto aos diários de bordo, procedeu-se a registos que mostram o meu papel enquanto educadora, salientando-se o facto de ter utilizado estratégias para acalmar o grupo quando este se encontrava mais agitado ou desatento; colocando questões às crianças e orientando-as para que se organizassem de acordo com a atividade/brincadeira por mim planeada; para além de dar determinadas explicações como aconteceu na atividade/brincadeira “flutua ou não flutua”. Para além disso, assumi um papel de cooperante, tendo também imposto determinadas regras, que não impediram o despertar de emoções/valores, assim como a estimulação de memória e capacidade de dedução.

Finalmente, no que toca à reflexão final, o meu papel correspondeu à observação e intervenção; organização das crianças em grupos; estabelecer diálogo com as crianças e utilizar estratégias, permitindo-me concluir que o papel do educador é extremamente importante a nível das atividades/brincadeiras sejam elas livres ou orientadas. Na verdade, a criança, em qualquer momento, precisa de ser acompanhada por um adulto.

Indo ao encontro do que foi dito anteriormente, surge a ideia de Queiroz, N; Maciel, D et Branco A, “Cabe ao professor, como adulto mais experiente, estimular brincadeiras (...) Outras formas de intervenção podem ser propostas visando incitar as crianças a desenvolverem brincadeira nesta ou naquela direção, mas só como incitações, nunca obrigação, deixando-as tomarem a decisão de se engajarem na atividade.

Os vários dados dizem respeito à informação mais pertinente recolhida ao longo da minha experiência enquanto educadora estagiária.

As tabelas focam quatro itens, todos eles incluídos nos diferentes elementos de recolha de dados, ou seja, planificações, avaliações, diários de bordo e reflexão final. Itens esses que abordam a iniciativa adulto/criança; o papel do educador em atividades livres/orientadas; registo de atividades livres/orientadas e referência à aprendizagem da criança em atividades livres/orientadas.

A abordagem dos mesmos itens nos diferentes elementos de recolha de dados, permite-nos tirar conclusões relativamente ao que foi teoricamente planificado e relativamente aos resultados obtidos depois de pôr em prática o que foi planeado previamente. Assim, concluo que o que planeei foi colocado em prática e que os resultados foram positivos. Resultados estes que já apresentei anteriormente. Toda esta abordagem constitui uma preciosa ajuda para refletir sobre o que não correu tão bem, permitindo melhorar em atividades futuras.

Embora tenha consciência que a elaboração de planificações me ajudou no meu percurso de estagiária, uma vez que, caso estas não existissem, eu não saberia o que fazer em determinados momentos, houve situações que, mesmo tendo sido planeadas, me causaram algum embaraço, como aconteceu na experiência do “flutua ou não flutua”. Efetivamente, apesar de ter tudo planeado eu não fui capaz de explicar corretamente a razão pela qual um objeto flutuava e o outro não. Poderia ter corrido muito melhor se eu tivesse, primeiramente, procurado uma explicação científica e, posteriormente, explicá-la através de uma linguagem acessível às criança

As planificações constituem uma abordagem teórica incluindo parâmetros pedagógicos teóricos tais como competências a desenvolver, áreas de conteúdo, estratégias e atividades, gestão de recursos humanos e materiais e avaliação. Trata-se, do meu ponto de vista, de uma abordagem teórica, uma vez que as planificações são feitas com base numa idealização, ou seja, seguindo parâmetros educativos pré-definidos que têm um objetivo específico. De facto, estas planificações são feitas antes da prática e não significam que os objetivos nelas pré-definidos se vão concretizar na prática, podendo, obviamente, ser postos em prática, já que eles visam orientá-la.

Nas competências a desenvolver exigia-se que a criança respeitasse a sua vez de falar, ou que produzisse frases, o que foi conseguido através do diálogo estabelecido entre educadora estagiária e criança, assim como no momento em que as crianças se punham a tentar adivinhar o que se iria passar como aconteceu na atividade/brincadeira “lola na quinta”. Outro parâmetro que pude comprovar como tendo sido bem sucedido diz respeito à estimulação da curiosidade relativamente ao desejo de saber. Efetivamente, constatei que as crianças se mostravam interessadas em aprender quando faziam perguntas ou quando observavam atentamente o que se estava a passar, como aconteceu com as experiências realizadas com água, como foi o caso da atividade/brincadeira “mais, menos ou a mesma água” e “flutua ou não flutua?” Também considero que alcancei resultados positivos no âmbito do parâmetro

que pretende dar a conhecer diferentes materiais, uma vez que as crianças manusearam papel, cola, cartão, rafia, como aconteceu nas atividades/brincadeiras da “construção do espantalho”, “construir flores de papel” e a “quinta dos animais”, tendo mexido em água e terra, na atividade/brincadeira “o girassol solitário”, durante a qual colocaram uma semente num vaso feito de garrafa. Chamo à atenção que esta atividade aconteceu após a narração da história “O girassol solitário”, que deu nome à própria atividade/ brincadeira. Durante estas atividades/brincadeiras observei diferentes comportamentos no momento em que manuseavam estes diferentes materiais, pois mostravam-se mais agradados ou menos agradados, o que se refletia em diferentes expressões faciais ou emissão de diferentes sons. Por exemplo, algumas das crianças faziam “uma cara feia” quando colocavam as mãos na terra, enquanto outras achavam imensa piada quando viam as mãos sujas.

Após uma reflexão relativamente a todos os elementos da minha recolha de dados, existem atividades que posso destacar como tendo sido das mais bem sucedidas tais como “Lola na quinta”, “O girassol solitário” e a “construção de animais”.

No momento em que contava as histórias da Lola e do girassol, e embora as crianças apenas escutassem o que eu dizia, foi espantoso observar os seus rostos de espanto que transmitiam gosto pelo que estavam a ouvir, o que me permitiu concluir que os resultados foram extremamente positivos, uma vez que consegui atingir a sensibilidade destas crianças.

Aquando a construção dos animais pude constatar que as crianças usavam a sua criatividade querendo pintar os animais de acordo com a sua imaginação, bem como fazer colagens.

Após uma análise das brincadeiras postas em prática, posso concluir que a prática vai ao encontro da teoria no que diz respeito à variedade da brincadeira. Segundo os autores Papália, Olds & Felman, tendo em conta que todas as brincadeiras incluem uma parte orientada e uma parte de brincadeira livre, consegui observar que na generalidade, as crianças observadas para este estudo, se identificavam com o jogo paralelo, associativo, suplementar cooperativo ou organizado.

Neste grupo, nunca se observou um comportamento não ocupado, assim como o comportamento de espectador, verificando-se, no entanto, embora raramente, o jogo

solitário independente. Enquanto um grupo maioritário de crianças se integrava no jogo associativo ou no jogo suplementar cooperativo organizado, havia uma ou outra criança que optava pelo jogo solitário independente, deslocando-se para o tapete para completar um puzzle.

Tabela 3: Tabela Síntese

	Planificações	Avaliações	Diários de bordo	Reflexão Final
Iniciativa adulto/criança	<p>Adulto</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> <u>Planificação de atividades livres</u> (8H30/9H30 e 16H30/17H) (p1/p2/p3/p4/p5/p6/p7/p8/p9/p10/p11) <input type="checkbox"/> <u>Objetivos</u> <ol style="list-style-type: none"> 1. Estimular a curiosidade do desejo de saber (p1/p3/p4/p5/p6/p8) 2. Promover o interesse pela experimentação (p2) 3. Promover a utilização de diferentes materiais e recursos(p4) 4. Incentivar o acesso à arte (p4) 5. Estimular a criatividade (p7) 	<p>Adulto/criança</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Bem-estar emocional (A1/A2/A4/A5/A6/A9/A10) 2- Capacidade de perceção (A2) 3- Nível de implicação (A1/A2/A4/A5/A6/A9/A10) 4- Criatividade (A4/A6/A10) 	<p>Adulto/criança</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Diálogo com as crianças (D1/D2/D6/D7) <p>Adulto</p> <ol style="list-style-type: none"> 2- Contagem de histórias (D5/D7/D9) <p>Criança</p> <ol style="list-style-type: none"> 3-Brincadeira livre anterior às atividades orientadas (D1/D2/D3/D4/D5/D6/D7/D8/D9/D10) 4- Criar uma história (D6) 5-Tentativa de adivinhação (D8) 6- Brincar na quinta (D8) 	<p>Adulto/criança</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grande interesse das crianças em brincar no exterior (recreio) - Atividades programadas e brincadeiras interiores nas diferentes áreas -Melhoramento das rotinas e atividades mais apropriadas.

	<p>6. Estimular o gosto pela criação de possíveis objetos de brincadeira livre (p8)</p> <p>7. Estimular o gosto pela matemática(p9)</p> <p>Incentivar as crianças a brincarem com materiais construídos por elas em áreas já existentes (animais) (p10)</p>			
<p>Papel do educador em atividades livres/orientadas</p>	<p><input type="checkbox"/> <u>Interventivo</u></p> <p>1- Colocação de questões (p1/p9)</p> <p>2- Distribuição de materiais (p2)</p> <p>3- Distribuição das crianças por grupos (p3/p9)</p> <p>4- Contagem de histórias (p3/p5/p7/p9)</p> <p>5- Diálogo com as crianças (p6/p9)</p> <p>6- Mostra de imagens (p6/p9)</p> <p>7- Induzir a criança a um ato (p10)</p> <p><input type="checkbox"/> <u>Participativo</u></p> <p>8-Solicitação por parte da criança (p1/p2/p3/p4/p5/p6/p7/p8/p9/p10)</p>	<p>1-Avaliação de estratégias utilizadas (A9)</p> <p>2- Perceção relativamente à capacidade/implicação/criatividade da criança (A1/A2/A4/A5/A6/A9)</p>	<p>1- Utilização de estratégias para acalmar o grupo (D1)</p> <p>2- Colocação de questões (D1)</p> <p>3- Orientar as crianças para se organizarem de acordo com a atividade (D1/D2/D3/D4/D5/D6/D7/D8/D9/D10)</p> <p>4- Explicar a razão do flutua e não flutua (D2)</p> <p>5-Cooperante (D1/D2/D3/D4/D5/D6/D7/D8/D9/D10)</p> <p>6-Imposição de regras (D1/D2/D3/D4/D5/D6/D7/D8/D9/D10)</p> <p>7-Despertar emoções/valores (D7)</p> <p>8-Estimular a memória (D7)</p> <p>9-Estimular a capacidade de dedução (D8)</p>	

<p>Registo de atividades livres/orientadas</p>	<p>Orientadas</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Mais,menos ou a mesma água” (p1) - “Flutua ou não flutua” (p2) - “Construção do espantalho” (p3/p4) - “O girassol solitário” (p5) - “Os cogumelos” (p6) - “Construir flores de papel” (p7) - “A quinta dos animais” (p8) - “O avental das histórias” (p9/p10) 	<p>Apesar da atividade ser orientada, há registo da liberdade concedida à criança para usar a sua imaginação</p> <p>(A1/A2/A4/A5/A6/A7/A8/A9/A10)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade “a mesma, mais ou menos água” (D1) - Experiência “flutua ou não flutua” (D2) - “Construção do espantalho” (D3/D4) - Sombras chinesas “O girassol solitário” (D5) - “Avental das histórias” (D9) - Construção de uma quinta (D9) - Conclusão de atividades (D10) 	
<p>Referência à aprendizagem da criança em atividades livres/orientadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> 1-Aprender sobre o meio envolvente (p1/p2/p8/p9) 2-Trabalhar com diferentes materiais (p3/p4/p7/p10) 3-Aprender a escutar (p5/p7/p9) 4-Aprender valores (p5/p7) 5-Aprender a dialogar (p6/p8) 6-Aprender a saber-estar (p8/p9) 7- Aprender a opinar (p8) 8- Aprender a selecionar e organizar (p9/p10) 	<ul style="list-style-type: none"> - Onde encontrar a água e como utilizá-la (A1) - Noção de quantidade (A1) - Noção de flutua e não flutua (A2) - Manuseamento de diferentes materiais (A4/A5/A10) - Recontar uma história (A5) - Como se plantam e crescem os cogumelos (A6) - Diferença entre comestível e não comestível (A6) 	<ul style="list-style-type: none"> 1-Perceção sobre diferentes modos de utilizar a água (D1) 2-Manuseamento de diferentes materiais (D3/D4/D8/D10) 3-Reconto de histórias (D5) 4-Como produzir cogumelos em casa (D6) 5-Perceção das diferentes características dos animais (D9) 	

		- Aprender a identificar personagens (A9)		
--	--	---	--	--

Tabela 4: Planificações

Planificações	
Iniciativa adulto/criança	Adulto Há registo de planificações diárias de atividades livres. (8h30/9h30 e 16h30/17) (p1/p2/p3/p4/p5/p6/p7/p8/p9/p10/p11) Há referência a objetivos tais como: <ol style="list-style-type: none">1. Estimular a curiosidade do desejo de saber, no que diz respeito ao mundo real que envolve a criança. (p1/p3/p4/p5/p6/p8)2. Promover o interesse pela experimentação, realizando experiências com água. (p2)3. Promover a utilização de diferentes materiais e recursos, manuseando rafia, jornal, papel eva, cola branca, balões e uma colher de pau. (p4)4. Incentivar o acesso à arte, construindo um espantalho.(p4)5. Estimular a criatividade, construindo molduras em cartão.(p7)6. Estimular o gosto pela criação de possíveis objetos de brincadeira livre, construindo animais de cartão. (p8)

	<p>7. Estimular o gosto pela matemática, organizando imagens de animais de acordo com critérios. (p9)</p> <p>Incentivar as crianças a brincarem com materiais construídos por elas em áreas já existentes (animais), utilizando os animais que construíram em cartão. (p10)</p>
<p>Papel do educador em atividades livres/orientadas</p>	<p><input type="checkbox"/> <u>Interventivo</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Colocação de questões, como por exemplo “onde se encontra a água?” ou “que animais havia na quinta da lola?” (p1/p9) 2. Distribuição de materiais, tais como garrafas de plástico, rolhas, cliques, borrachas, colheres, pedaços de plasticina, carros de brincar em plástico e metal, esponja. (p2) 3. Distribuição das crianças por grupos, para realizar diferentes tarefas relativas a uma mesma atividade, como por exemplo a construção de um espantalho. (p3/p9) 4. Narrar histórias, tais como “A Quinta do Zacarias”, “Gosto muito de ti, mamã”, “Lola na quinta”. (p3/p5/p7/p9) 5. Diálogo com as crianças, sobre cogumelos e diferentes animais existentes numa quinta. (p6/p9) 6. Mostra de imagens, relativas a cogumelos existentes na natureza e animais domésticos. (p6/p9) 7. Induzir a criança a um ato, através de um pedido tal como

	<p>colocar um animal na área das construções.(p10)</p> <p><input type="checkbox"/> Participativo</p> <p>Solicitação por parte da criança, perguntando se podia ir brincar livremente. (p1/p2/p3/p4/p5/p6/p7/p8/p9/p10)</p>
Registro de atividades livres/orientadas	<p><input type="checkbox"/> <u>Orientadas</u></p> <p>- “Mais,menos ou a mesma água” (p1)</p> <p>- “Flutua ou não flutua” (p2)</p> <p>- “Construção do espantalho” (p3/p4)</p> <p>- “O girassol solitário” (p5)</p> <p>- “Os cogumelos” (p6)</p> <p>- “Construir flores de papel” (p7)</p> <p>- “A quinta dos animais” (p8)</p> <p>- “O avental das histórias” (p9/p10)</p> <p><input type="checkbox"/> <u>Livres</u></p> <p>- Área da casinha (há registro de falas)</p>
Referência à aprendizagem da criança em atividades livres/orientadas	<p>1. Aprender sobre o meio envolvente, acerca da utilidade da água e locais onde esta se encontra, materiais que flutuam e não flutuam, animais que podem ser domesticados vivendo junto das pessoas e suas características específicas. (p1/p2/p8/p9)</p> <p>2. Trabalhar com diferentes materiais, tais como balões, fio,</p>

	<p>papel de jornal, colas, rafia e cartão. (p3/p4/p7/p10)</p> <ol style="list-style-type: none">3. Aprender a escutar, ouvindo histórias e transmissão de regras.4. Aprender valores tais como o afeto entre mãe e filhos, partilha de objetos e respeito pelo outro.(p5/p7)5. Aprender a dialogar, através de perguntas sobre cogumelos e animais esperando cada um pela sua vez. (p6/p8)6. Aprender a saber-estar, respeitando e obedecendo aos pedidos do adulto para estarem em silêncio ou devidamente sentados. (p8/p9)7. Aprender a opinar, no momento em que era perguntado à criança “o que achas?” (p8) <p>Aprender a selecionar e organizar, de acordo com diferentes características acerca dos animais, tais como revestimento, alimentação e locomoção. (p9/p10)</p>
--	--

Tabela 5: Diários de bordo

Diários de bordo	
Iniciativa adulto/criança	<p>Adulto/criança</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Diálogo com as crianças, iniciando uma conversa sobre a água e cogumelos através do processo pergunta/resposta. (D1/D6/D7/D8) <p>Adulto</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Contagem de histórias, como “Lola na quinta”, “A Quinta do Zacarias”, “Gosto muito de ti, mamã” e “Girassol solitário”. (D5/D7/D9) <p>Criança</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Brincadeira livre anterior às atividades orientadas, que acontecia diariamente antes da educadora e das estagiárias iniciarem as atividades orientadas. (D1/D2/D3/D4/D5/D6/D7/D8/D9/D10) 4. Criar uma história, através de imagens de cogumelos.(D6) 5. Tentativa de adivinhação, em que as crianças começaram a fazer previsões de histórias assim que eu coloquei o avental.(D9) <p>Brincar na quinta com os animais construídos pelas próprias</p>

	crianças.(D8)
Papel do educador em atividades livres/orientadas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Utilização de estratégias para acalmar o grupo, tais como elevar o tom de voz ou simular que saía da sala. (D1) 2. Colocação de questões acerca de imagens mostradas pelo adulto.(D1) 3. Orientar as crianças para se organizarem de acordo com a atividade, distribuindo as crianças por grupos para realizarem tarefas diferentes para uma mesma atividade.(D1/D2/D3/D4/D5/D6/D7/D8/D9/D10) 4. Explicar a razão do flutua e não flutua de forma simplificada.(D2) 5. Cooperante, auxiliando as crianças nas atividades.(D1/D2/D3/D4/D5/D6/D7/D8/D9/D10) 6. Imposição de regras, pedindo silêncio e pedindo para se sentarem. (D1/D2/D3/D4/D5/D6/D7/D8/D9/D10) 7. Despertar emoções/valores , tais como o afeto entre mãe e filho e o sentimento de partilha. (D7) 8. Estimular a memória, perguntando o que tinham aprendido sobre os cogumelos no dia anterior. (D7) <p>Estimular a capacidade de dedução. (D8)</p>
Registo de atividades livres/orientadas	<ol style="list-style-type: none"> 1- Atividade “a mesma, mais ou menos água” (D1) 2- Experiência “flutua ou não flutua” (D2)

	<p>3- “Construção do espantalho” (D3/D4)</p> <p>4- Sombras chinesas “O girassol solitário” (D5)</p> <p>5-“Avental das histórias” (D9)</p> <p>6-Construção de uma quinta (D9)</p> <p>7-Conclusão de atividades (D10)</p>
<p>Referência à aprendizagem da criança em atividades livres/orientadas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Perceção sobre diferentes modos de utilizar a água, através de um desenho por forma a ficarem com um registo do diálogo sobre a água. (D1) 2. Manuseamento de diferentes materiais, como o papel de jornal, papel higiénico, régua, cartões e cola.(D3/D4/D8/D10) 3. Reconto de histórias, utilizando fantoches/sombras chinesas. (D5) 4. Como produzir cogumelos em casa, bastando ter sementes de cogumelo, borras de café, um saco com furos e uma caixa. (D6) <p>Perceção de diferentes características dos animais, seleccionando o critério de número de patas, pelo e carapaça. (D9)</p>

Tabela 6: Reflexão Final

Reflexão Final	
Iniciativa adulto/criança	<p>Criança</p> <p>1. Grande interesse das crianças em brincar no exterior (recreio)</p> <p>Adulto</p> <p>2. Atividades programadas e brincadeiras interiores nas diferentes áreas</p> <p>Melhoramento de rotinas e atividades mais apropriadas</p>
Papel do educador em atividades livres/orientadas	<p>1. Observação/Intervenção</p> <p>2. Organização das crianças em grupos</p> <p>3. Estabelecer diálogo com as crianças</p> <p>Utilização de estratégias</p>
Registo de atividades livres/orientadas	<p>Atividade com água:</p> <p>“mais, a mesma ou menos água” e “flutua ou não flutua”</p> <p>- A quinta do zacarias (contagem de histórias)</p>
Referência da aprendizagem da criança em atividades livres/orientadas	<p>1- Aprender a dialogar mediante questões colocadas</p> <p>2- Aprendizagem de diferentes formas de utilizar a água</p>

Após uma análise detalhada das tabelas, que me permitiram efetuar a análise e discussão dos dados, concluo acerca da sua importância relativamente a todas as atividades por mim realizadas ao longo do meu estágio enquanto educadora. Por outras palavras, estas tabelas permitem-me tirar importantes conclusões acerca das minhas capacidades enquanto futura profissional de educação pré-escolar. Capacidades estas que se refletem a vários níveis: planificar, avaliar, refletir, interagir, estimular, ensinar e aprender, incentivar, respeitar e fazer respeitar, orientar, adaptar, criar e saber brincar.

Efetivamente, posso afirmar, com satisfação, que consegui provar, a mim mesma, que possuo essas capacidades, embora tenha tido algumas dificuldades, as quais consegui superar. Saliento, que esses pequenos obstáculos me permitiram evoluir, uma vez que consegui contorná-los através da utilização de estratégias, como se pode comprovar pela leitura das próprias tabelas. A elaboração destas tabelas surgem como uma tomada de consciência quanto à complexidade do ato de brincar. Na verdade, a brincadeira, seja ela orientada ou livre, é um ato inato à criança, que o adulto deve saber gerir para que a criança não se divirta e entretenha, mas para que aprenda também.

Com a realização destas tabelas, concluo que durante a prática em contexto de jardim de infância, foi fundamental porque me permitiu organizar dados com o objetivo de serem analisados, fazendo com que eu aprendesse a organizar ideias em esquema, sobre a minha própria prática.

De acordo com uma abordagem mais específica e tendo por base o tema principal que é a brincadeira livre/orientada, no âmbito da iniciativa adulto-criança, constato que apesar de livre, a brincadeira tem de ser constantemente supervisionada embora se respeite as iniciativas da criança. Deste modo, existe um controlo, por parte do adulto, que vai intervindo sem se intrometer diretamente no jogo a que as crianças deram início. Da observação que fiz tanto da brincadeira livre como da brincadeira orientada concluo que ambas promovem a criatividade e o interesse em explorar diferentes experiências.

Relativamente ao papel do educador, como foi dito anteriormente, este intervém em qualquer situação de modo a que tudo decorra de forma positiva para que ambos os intervenientes, adulto e criança, se sintam realizados nas suas ações, embora o educador tenha plena consciência dos seus atos, enquanto a criança age com espontaneidade. Se por um lado, o educador desempenha um papel interventivo para que a criança se sinta segura e estimulada, a criança por sua vez, funciona como um estímulo para que o adulto melhore as suas práticas.

O registo de atividades livres/orientadas permite concluir acerca da diversidade de atividades desempenhadas pelas crianças, o que revela o seu empenho.

Em suma, estas atividades permitiram várias aprendizagens por parte da criança como se pode verificar no item “referência à aprendizagem da criança em atividades livres/orientadas”, dando ênfase ao facto de que a brincadeira é uma prática educativa adotada para a aprendizagem de conteúdos que permitem a formação de qualquer indivíduo.

5- Reflexão sobre a minha própria prática

Neste tópico irei refletir sobre a minha prática durante o estágio referente ao mestrado em Educação Pré-escolar em contexto de Creche e Jardim de Infância, dando também enfoque à importância do brincar.

O primeiro estágio do mestrado em Educação Pré-escolar foi realizado em contexto de creche, no qual nunca tinha estado presente anteriormente. Assim, não sabia quase nada acerca deste contexto em termos de rotinas, regras e atividades pedagógicas adequadas às crianças, a não ser o que, teoricamente, tinha aprendido. Estagiar em creche era algo que eu esperava já há alguns anos, uma vez que em anos anteriores fiz o curso de Técnico de Apoio à Infância e a Licenciatura em Educação Básica, sem nunca experimentar este contexto.

No que diz respeito ao contexto de creche, o grupo de crianças com o qual realizei o meu estágio era composto por crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos e foi com elas que aprendi a lidar com as rotinas e a interagir com crianças tão pequenas. Além do mais, fiquei com uma ideia do tipo de atividades possíveis de realizar com crianças desta faixa etária.

Ao longo deste estágio verifiquei que estas crianças vivem as suas experiências com grande ligação ao mundo dos afetos. Pude constatar que as crianças tinham necessidade de um pouco de colo, procurando receber ou dar um abraço. No momento em que brincavam, essencialmente na área da casinha, essa necessidade de afetos também se refletia quando, abraçavam os bonecos e lhes davam beijinhos. Isto permite-me perceber que o mundo da brincadeira surge como um reflexo das necessidades inerentes à própria criança.

As brincadeiras levadas a cabo pelas crianças nestas idades permitiu-me perceber a literatura que indica esta faixa etária como o tempo em que as crianças começam a compreender progressivamente o que é ser menino ou menina. Deste modo, os meninos corriam para a área da garagem, enquanto as meninas passavam o seu tempo na área da casinha. De facto, constatei que os comportamentos das crianças se vão associando às especificidade do seu género sexual.

No âmbito do jardim de infância, o grupo incluía crianças entre os 4 e os 5 anos, tratava-se de um grupo pré-escolar.

Apesar destas crianças também revelarem necessidade de afeto, verificava-se uma grande autonomia, quando comparadas com as crianças da creche. No momento em que brincavam, estas crianças revelavam curiosidade em aprender, refletindo atitudes de envolvimento social, tal como acontecia na área da mercearia quando estabeleciam o ato de compra e venda e a necessidade de realizar o pagamento e receber o troco, simulando a ideia do pagamento através de uma moeda de tamanho maior e a ideia de troco através de uma moeda de tamanho menor. Este tipo de brincadeiras permitiu-me verificar que, durante estas idades, a criança desenvolve uma capacidade lógica e de grande percepção daquilo que é o mundo real. A mesma brincadeira levou-me à conclusão de que a criança consegue encontrar uma resolução para um determinado problema.

Da minha experiência com este grupo de crianças, também senti que revelavam grande curiosidade, uma vez que me questionavam com frequência relativamente ao que iria acontecer quando realizavam experiências como a plantação de uma horta ou brincadeiras como a do “flutua e não flutua”. Ambas as experiências me permitiram perceber que estavam na fase dos “porquês”.

As brincadeiras desta faixa etária mostraram-me que é nesta fase, como abordava Freud , que as crianças demonstram um interesse relevante nas diferenças entre os sexos, como pude comprovar no momento em que brincavam “aos pais e aos filhos”.

Em ambas as faixas etárias, tanto na creche como no jardim de infância, a brincadeira surge como um assunto muito sério. Um educador tem que obrigatoriamente saber brincar e estar disponível para a brincadeira. Enquanto que para a criança o ato de brincar é algo de natural, para o adulto constitui um grande desafio. Enquanto futura educadora percebi que o meu papel de adulto corresponde a dar início a experiências, tendo em conta as iniciativas das crianças.

O papel do educador deve envolver estratégias que permitam proporcionar às crianças brincadeiras interessantes que elas possam abraçar e desenvolver ao sabor da sua imaginação. Assumir o papel de educadora comprometida e empenhada, na minha perspetiva, só faz sentido indo ao encontro dos interesses das crianças e dos seus comportamentos. Deste modo, faz todo o sentido que uma educadora seja um adulto bem preparado no sentido de saber adaptar os seus conhecimentos ao desenvolvimento das crianças com as quais está a lidar, num determinado momento. O educador, na minha opinião, surge como um apoio às crianças, ajudando-as a gerir os seus comportamentos e

experiências mediante planeamentos que vão sempre ao encontro dos seus interesses, de modo a que se sintam realizadas.

A educadora de infância, deverá estar bem preparada para compreender que a idade da brincadeira constitui um momento excelente para desenvolver capacidades no indivíduo que lhe permitam fazer a ponte entre o mundo da imaginação e o mundo da realidade concreta. É através da brincadeira e das suas brincadeiras imaginadas, que a criança faz a ponte entre o seu mundo interior e o mundo exterior que a rodeia. É a brincar que as crianças percebem que os objetos têm uma função real.

A educadora de infância não pode ser daqueles adultos que desprezam ou menosprezam a brincadeira das crianças. O ato de brincar é um assunto demasiado sério para que possa ser ignorado. A educadora de infância tem de brincar, gostar e saber brincar com crianças. Brincar envolve o prazer de brincar.

Apesar das dificuldades encontradas, concluo que a atividade prática apresenta um balanço positivo a nível das aprendizagens necessárias enquanto futura educadora. E considero-o muito útil enquanto documento reflexivo para a minha futura prática profissional.

As metodologias por mim utilizadas vão ao encontro do método tradicional mediante o qual o projeto educativo parte do educador para ser explicado a um grupo de crianças, o que se contrapõe ao método proposto pelo modelo de escolas de Reggio Emilia em que o projeto surge no sentido inverso, ou seja, parte das crianças para o educador. Esses projetos escutam as ideias das crianças. Assim, a palavra método é rejeitada dando preferência ao termo abordagem, privilegiando aquilo que designam pela “pedagogia das relações”, a qual pressupõe as interações educativas e a pedagogia da escuta. Deste modo “no modelo pedagógico de Reggio Emilia privilegia-se o ouvir e o falar, dando primazia à escuta atenta da criança em detrimento do professor que fala e expõe.”(Formosinho, J. p, 217, 2013).

Deste modo, enquanto no método tradicional, o educador planeia com o objetivo de conquistar relações e aprendizagens pré-determinadas, sem ter tido um contacto prévio com essas mesmas crianças, no modelo Reggio Emilia respeitam-se os modos de aprendizagem de cada criança, uma vez que, e de acordo com as palavras de Malaguzzi “As escolas para a infância de Reggio Emilia não têm e nunca tiveram um currículo ou um programa educativo predefinido. O conceito de currículo predefinido subentende uma organização educacional que conduz as crianças a efetuar um ensino sem aprendizagem através da ação e sem partilha de controlo com os adultos, os professores e os pais. (p.129, 2001)

6- Referências Bibliográficas

Moyles, Janet (1994). *A excelência do brincar*. Av. Jerônimo de Ornelas, 670 – Santana 90040-340 Porto Alegre RS: ARTMED EDITORA S.A.

Hohmann, M & Weikart, D. (2003). *O Livro da Criança*. Av. De Berna/Lisboa. Edição da Fundação Caloyste Gulbenkian.

Editores, M (2001). *Os Docentes do 1º e do 2º Ciclos do Ensino Básico. Recursos e técnicas para a formação no século XXI*. R. Ocidental do Convento, 19, Loja 6, 2900-514 Setúbal.

Chené, A; Dominicé, P; Ferraroti, F; Finger, M; Josso, C; Nóvoa, A & Pineau, G (março 1988). *O Método (Auto)Biográfico e a Formação*. Edição Ministério da Saúde. Departamento dos Recursos Humanos da Saúde.

Papália, D; Olds, S & Feldman, R. (2001). *O Mundo Da Criança*. Oitava Edição. Rua Barata Salgueiro, 51-A, 1250-043 Lisboa, Portugal. Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.

Cadernos de Educação de Infância. Publicação Quadrimestral nº 90, maio/agosto 2010. Edição da APEI Associação de Profissionais de Educação de Infância.

Cadernos de Educação de Infância. Publicação Trimestral nº 71, julho/agosto/setembro 2004. Edição da Associação de Profissionais da Educação de Infância.

Dallabona, S (s.d). *O Lúdico Na Educação Infantil. Jogar, brincar, uma forma de educar*. Instituto Catariense de Pós-Graduação – ICPG.

Portugal, G (s.d). *FINALIDADES E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CRECHE*, das relações actividades e organização dos espaços ao currículo na creche. Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade – Rua Júlio Dinis, 931 – 3º Esquerdo 4050-327, Porto.

Ministério da Educação [M.E.]. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Departamento da Educação Básica (D.E.B.). Lisboa: Ministério da Educação.

Formosinho, J (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – construindo uma práxis de participação*. Rua da Restauração, 365, 4099-023 Porto.

Webgrafia

https://www.unilestemg.br/popp/downloads/Artigo_04.pdf consultado a 21 de dezembro de 2016.

ANEXOS

ANEXO A – Diários de bordo

14 de abril de 2015 (D1)

Neste dia, após a rotina habitual da manhã, iniciei uma conversa com as crianças sobre a água, ou seja, o que era para eles a água, onde existia a água e para que servia a água. Este diálogo foi surgindo à medida que as diferentes imagens iam circulando pelo grupo.

No decorrer da atividade, o grupo esteve bastante agitado e tive que recorrer a algumas estratégias, tais como falar mais alto ou fingir que ia sair da sala. Só assim, consegui fazer com que o grupo ficasse mais calmo e atento na atividade.

Nas respostas às questões colocadas por mim acerca das imagens, a maior parte das crianças responderam e observaram com atenção as imagens à medida que iam passando de mão em mão, à excessão de uma ou de outra.

Posteriormente, o grande grupo foi dividido em sub-grupos, sendo que alguns foram fazer um desenho, por forma a ficarem com um registo do diálogo sobre a água, outros foram brincar livremente e outros foram fazer a experiência da água, mais especificamente a atividade “a mesma, mais ou menos água”. Esta atividade, foi feita com grupos de três crianças e foi bem sucedida, pois todos estiveram envolvidos e interessados na experiência, mostrando-se bastante motivados.

Os desenhos foram um bom registo de atividade, uma vez que através da nossa observação, dá para verificar que eles perceberam onde podem utilizar a água.



Dia 15 de abril de 2015 (D2)

Neste dia, após o momento da bolacha, dividi o grande grupo em sub-grupos, sendo que alguns meninos foram brincar com plasticina numa mesa, outros foram brincar nas diferentes áreas da sala e três meninos foram comigo para a área das ciências para realizarem a experiência do “flutua ou não flutua”. À medida que as crianças iam terminando a atividade, eu ia chamando outras crianças para substituírem as anteriores.

A atividade foi bem sucedida, pois as crianças mostraram-se bastante interessadas e motivadas. Algumas previsões coincidiram com as conclusões e outras estavam erradas. Durante a atividade consegui controlar o grupo, mas tive dificuldade em explicar a razão pela qual, alguns objetos flutuaram e outros afundaram. Apesar de saber a razão, optei por explicar às crianças de uma forma simplificada, a qual não foi mais correta. Numa próxima repetição, irei fazer apenas a experiência e não dar tanta importância à explicação do resultado/acontecimento.



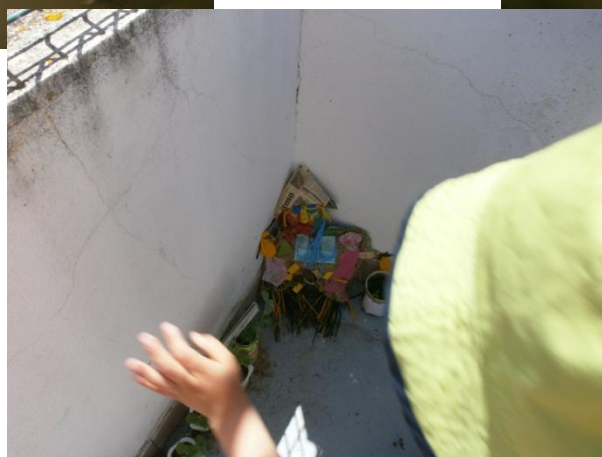
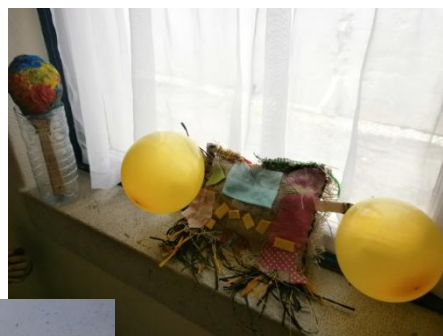
Dias 16 e 17 de abril (D3 e D4)

Nestes dias, após a rotina habitual, as crianças procederam à construção do espantalho para colocar na horta criada pelas crianças.

Para a realização desta atividade, dividi o grupo em pequenos grupos, sendo que uns ficaram responsáveis por construir a cabeça do espantalho e outros estiveram a fazer o fato do mesmo. Para criar a cabeça, as crianças começaram por fazer uma bola com papel de jornal e posteriormente foram rasgando pedaços de papel higiénico para colar na bola de jornal e quando se encontrou minimamente composta, fui colocá-la na rua para secar.

Na construção do fato, as crianças estiveram a cozer o fato com a ajuda da educadora cooperante e posteriormente algumas crianças decoraram-nos com restos de tecido.

No dia seguinte, outras crianças pintaram a cabeça do espantalho e outras colaram rafia no fato, por forma a criarem os pés do espantalho. Outras ainda criaram os braços do espantalho.



Dia 28 de abril (D5)

Neste dia, os meninos brincaram livremente pela sala nas diversas áreas. Às 9 e meia, começaram a arrumar a sala e posteriormente sentaram-se no tapete para fazerem a rotina habitual.

No fim de comerem a bolacha, organizei as crianças por forma a ficarem todos virados para o fantocheiro, para conseguirem ouvir e verem a história “O Girassol Solitário” em sombras chinesas.

No fim de contar a história, deixei as crianças explorarem um pouco os fantoches, ou seja, também estiveram a brincar com as sombras recontando um pouco da história.

Posteriormente, as crianças estiveram a fazer as etiquetas para colocarem nos vasos onde semearam os seus girassóis. Enquanto algumas crianças fizeram as etiquetas na mesa orientada por mim, outras estiveram a fazer a prenda para o dia da mãe na mesa orientada pela educadora cooperante e outras estiveram a brincar nas diferentes áreas da sala.

Na parte da tarde, sentei as crianças no tapete para as contextualizar para a atividade seguinte. Posteriormente, organizei as crianças em comboio e fomos para a rua em direção à horta dos verduinhos, para poderem semear os girassóis. Quando lá chegámos, as crianças sentaram-se em roda no chão e fui chamando duas a duas para fazerem a sementeira. Enquanto isso, as restantes cantaram canções de roda com a minha colega Tatiana. No fim da sementeira, colocámos o espantalho num cantinho da horta e por fim, o chefe do dia com outras duas crianças, foram regar a horta com a minha orientação.

29 de abril de 2015 (D6)

Neste dia, após a rotina habitual, as crianças ficaram sentadas no tapete e eu sentei-me numa cadeira virada para elas. Inicialmente iniciei um diálogo com as crianças, por forma a perceber o já sabiam sobre cogumelos e o que queriam saber acerca dos mesmos. Posteriormente, contextualizei-as para a atividade e fui mostrando vários cartões com imagens, por forma a que fossem as crianças a contar a história.

Uma criança iniciou a história e todas as crianças participaram, ou seja, todas acrescentaram algo, por forma a criarem uma história com seguimento e lógica.

A atividade foi bem sucedida, pois todas as crianças quiseram participar na atividade e estavam constantemente a colocar o dedo no ar para poderem falar. A partir das imagens, as crianças conseguiram expôr a sua criatividade e criar uma história lógica, ou seja, com sentido.

Por fim, as crianças sentaram-se em roda no chão da sala juntamente com as crianças da outra sala de bibe verde, para assistirem a uma exposição sobre cogumelos. Esta exposição, consistiu em mostrar às crianças que podem produzir cogumelos em casa, basta terem sementes de cogumelo, borra de café, um saco com furos e uma caixa. Nesta exposição, aprenderam não só as crianças, como também nós adultos.

Depois da exposição, as crianças foram para a rua brincar livremente, pois encontravam-se bastante agitadas.

Da parte da tarde, as crianças brincaram livremente pelas áreas da sala.

30 de abril de 2015 (D7)

Neste dia, após a rotina habitual, ainda com as crianças sentadas no tapete, contei uma história intitulada de “Gosto muito de ti, mamã” de Catherine Vãse. Quando terminei o conto, pedi às crianças que dissessem com que se parceria a sua mãe e depois perguntei o que tinham andado a fazer ao longo da semana, sendo que as crianças responderam que tinha sido a prenda para o dia da mãe e explicaram como fizeram a prenda.

Terminada esta atividade, as crianças registaram através do desenho como caracterizam a mãe e o que gostam de fazer com ela.

Enquanto algumas crianças fizeram o desenho, as outras brincaram nas diferentes áreas da sala e depois foram rodando, ou seja, à medida que iam acabando os desenhos dirigiam-se para as áreas e quem estava nas áreas dirigiam-se para as mesas para fazerem os seus desenhos.

Da parte da tarde, com as crianças sentadas no tapete, iniciei um diálogo com elas sobre o que tinham aprendido sobre os cogumelos no dia anterior. À medida que as crianças iam respondendo, eu ia registando as suas respostas, para depois poder fazer um registo em cartolina, a qual foi afixada na parede da sala. Nesta cartolina está registada a história criada pelas crianças através das imagens fornecidas por mim e o que já sabiam, o que queriam saber e o que aprenderam sobre os cogumelos.

Dia 12 de maio de 2015 (D8)

No dia 12 de maio, após as crianças brincarem livremente e depois de arrumarem a sala, sentaram-se no tapete para cantarem o bom dia, eleger-mos o chefe e comer-mos a bolacha. Posteriormente, organizei duas filas de cadeiras para que as crianças se pudessem sentar viradas para o retroprojeto para conseguirem ver o vídeo. Antes de passar o vídeo, tive uma conversa inicial com o grupo onde perguntei se sabiam o que era uma quinta, o que lá havia e se já tinham ido visitar alguma. Algumas crianças sabiam o que era e outras fizeram confusão entre quinta e quintal, dizendo que já tinham ido ao quintal dos avós onde havia uma horta.

No fim de verem o vídeo, fiz algumas questões para perceber as ideias com que tinham ficado acerca do vídeo e percebi que as crianças estiveram com atenção, uma vez que me souberam dizer que animais existiam naquela quinta e como era a quinta. Perguntei também, se gostavam de construir uma quinta na área das madeiras, ao que as crianças responderam que sim. Depois, como as crianças disseram que era preciso animais, mandei uma criança ir ver se tinham animais da quinta no balde dos brinquedos para brincarem, ao que ela respondeu que não, no fim de ir ver. Sugeri que construíssem animais em cartão para poderem brincar, ao que duas crianças responderam que era boa ideia e uma até me agradeceu essa ideia. Todas ficaram motivadas com a ideia de irem construir os animais para depois brincarem. Ao longo desta conversa, uma criança sugeriu que fizessemos animais com a massa cores para poderem também brincar e eu concordei com a ideia. Então, algumas crianças fizeram animais em cartão e outras com a massa de cores. Na construção dos animais de cartão, as crianças puderam decorar cada animal à sua maneira, utilizando vários materiais tais como canetas de feltro ou lápis de cor e diferentes tipos de papel, como por exemplo, papel crepe e papel selofane.

À medida que as crianças iam terminando a atividade dos animais, dirigiam-se para as áreas da sala para brincarem livremente. Neste momento, tive alguma dificuldade em controlar o grupo, pois este mostrava-se bastante agitado mas quando comecei a mandar as crianças arrumarem a sala, estas começaram a acalmar.

Da parte da tarde, as crianças recortaram os animais e colaram-nos em cartão. Posteriormente, brincaram livremente pelas diversas áreas da sala.

Dia 13 de maio de 2015 (D9)

Neste dia, as crianças brincaram livremente pela sala até à hora de se sentarem no tapete da sala. Quando se sentaram neste, cantámos o bom dia, elegemos o chefe e por fim comeram as bolachas.

Posteriormente, contei a história “lola na quinta”, através de um avental. Assim que coloquei o avental, as crianças começaram logo a fazer previsões da história, dizendo que a história era sobre os animais da quinta, antes de eu ter referido o título da história.

Durante o conto, as crianças mostraram-se bastante atentas e interessadas em ouvir a história. No fim de contar a história, fiz algumas questões sobre a mesma. Perguntei que animais existiam na “quinta da lola” e quais as características do mesmo, ao que as crianças conseguiram responder logo.

De seguida, selecionei cinco crianças para irem fazer a atividade da formação de conjuntos orientada por mim. Enquanto isto, as restantes crianças brincaram livremente pela sala, nas diversas áreas. À medida que cada grupo ia terminando a atividade, rodavam, ou seja, o grupo da atividade ia brincar e um que estivesse a brincar, vinha fazer a atividade.

Esta atividade foi bem sucedida, pois as crianças tiveram facilidade em conseguirem vários critérios de caracterização dos animais. A maioria dos grupos selecionaram o critério de “número de patas”, “pêlo” e “carapaça”. Um grupo selecionou um critério diferente, o da “locomoção”, criando o conjunto dos que “voam” e dos que “saltam”.

Dia 14 de maio de 2015(D10)

No dia 14 de maio, após a rotina habitual da manhã, algumas crianças estiveram terminar a atividade começada na terça feira, ou seja, pintaram cartão com guache, para posteriormente colarem os animais decorados na terça feira. Estes cartões irão ser colocados na área das construções, para que as crianças possam brincar com os mesmos, juntamente com as madeiras. Enquanto algumas crianças pintaram os cartões, as outras brincaram livremente pelas várias áreas. Na área dos jogos de mesa, as crianças estiveram em grupo a jogar um jogo de tabuleiro com o tema “supermercado”. Algumas crianças, estiveram ainda a fazer construção de animais na massa de cores, uma vez que os animais criados por elas na terça-feira ficaram queimados. Assim, as crianças repetiram a atividade.

Algumas crianças estiveram também a colocar os conjuntos formados no dia anterior, em cartolinas para posteriormente ser afixado num dos placards da sala.

Da parte da tarde, o grande grupo foi dividido em dois grupos, sendo que um grupo foi ver a horta comigo e com a Tatiana e como quatro crianças ainda não tinham semeado os girassóis, aproveitamos este tempo para tal. O outro grupo ficou com a educadora na sala, a brincar livremente pelas diferentes áreas. Posteriormente, trocaram de papeis, ou seja, o grupo que ficou na sala foi comigo ver a horta e o que tinha ido ver a horta, ficou na sala.

No fim de todo o grupo ter visto a horta, ficaram na sala a brincar livremente até à hora de irem para a rua brincar.

ANEXO B - Planificações

Planificação 14 de abril (p1)

Rotina	8h00m- Acolhiment o 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoques.
---------------	---	---	---	---------------------------------	--	---------------------	--	--

Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades	Gestão dos recursos humanos e materiais	Avaliação
<p>(1) Respeitar a sua vez de falar;</p> <p>(2) Produzir frases simples, utilizando adequadament e concordâncias de género e número;</p>	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação; - domínio da linguagem oral.</p> <p>- Domínio da matemática. (classificação)</p>	<p>Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível.</p> <p>Posteriormente será cantada a musica do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia. Após o momento de eleição, caso alguma criança tenha levado uma história para a sala, poderá haver uma leitura da mesma, realizada por mim.</p> <p>Ainda com as crianças sentadas no tapete, (2) será explicada a atividade a realizar posteriormente.</p>	<p>Humanos: -Crianças; -Educadora; -Estagiárias; -Auxiliar de Ação Educativa.</p> <p>Materiais: Várias imagens de água (representando várias ações); Fotografias; Revistas; Copos de plástico; Água; Diferentes materiais</p>	<p>- Observação direta; - Registo escrito. - Ficha de registo/avaliação</p>

<p>(3) Estimular a curiosidade do desejo de saber;</p> <p>(4) Sensibilizar às ciências;</p> <p>(5) Aprender a medir;</p> <p>(6) Fazer Observações;</p> <p>(7) Fazer registos;</p>	<p>Área de Conhecimento do Mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - curiosidade de desejo de saber; - saberes sobre o "mundo"; - sensibilização às ciências; - física/química; - observação; - registos; 	<p>(atividade 1). Neste momento, o grande grupo será dividido em sub-grupos de 5 elementos cada um. Os restantes elementos irão fazer a atividade 2 (experiência – a mesma, mais ou menos água). Nas mesas orientadas, serão colocadas várias imagens de diferentes situações em que a água é utilizada, como por exemplo, uma pessoa a beber água, outra pessoa a regar, outra a tomar banho, entre outras. (3) e (6).</p> <p>No fim das crianças explorarem as diferentes imagens, irei colocar algumas questões como por exemplo: “o que é a água?”, “onde se encontra?”, “para que serve?”. Após este diálogo, irei pedir às crianças para realizarem um desenho por forma a ficarem com um registo sobre um dos locais em que se encontra a água, como por exemplo, em casa nas torneiras da casa de banho ou na natureza no mar ou na chuva, como por exemplo.</p> <p>Terminada esta atividade, as crianças irão fazer uma experiência com água (atividade 2) para perceberem que diferentes recipientes poderão levar a mesma quantidade de água, assim como um recipiente mais comprido poderá levar menos água do que um recipiente mais largo. (4) Durante a atividade irei disponibilizar 6 recipientes-medida transparentes e iguais (copo de plástico) e vários objetos de diferentes formas e tamanhos, para que a criança consiga comparar a água que existe dentro de cada objeto, utilizando os recipientes-medida. (5)</p> <p>Esta atividade poderá ajudar a criança a perceber que para regar a horta, poderão utilizar diferentes objetos, mas que o mais interessante será o que</p>	<p>para colocar a água;</p>	
---	--	--	-----------------------------	--

		<p>leva mais água, uma vez que a rega torna-se mais rápida.</p> <p>Por fim, as crianças irão fazer um registo das observações numa tabela de registo e compará-las com as previsões feitas no início da atividade. (7)</p> <p>Observação: À medida que vão acabando os desenhos passam para esta atividade e assim vice-versa, ou seja, as crianças vão rodando de atividade à medida que as vão realizando.</p>		
--	--	--	--	--

Planificação 15 de abril (p2)

Rotina	8h00m- Acolhiment o 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoques.
---------------	---	---	---	---------------------------------	--	---------------------	--	--

Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades	Gestão dos recursos humanos e materiais	Avaliação
<p>(1) Respeitar a sua vez de falar;</p> <p>(2) Produzir frases simples, utilizando adequadamente concordâncias de género e número;</p>	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação;</p> <p>- domínio da linguagem oral.</p> <p>- domínio da matemática (formar conjuntos);</p> <p>Área do</p>	<p>Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível. Posteriormente será cantada a musica do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia. Após o momento de eleição, caso alguma criança tenha levado uma história para a sala, poderá haver uma leitura da mesma, realizada por mim ou educadora.</p> <p>Ainda com as crianças sentadas no tapete, (2)</p>	<p>Humanos:</p> <p>-Crianças; -Educadora; -Estagiárias; -Auxiliar de Ação Educativa.</p> <p>Materiais:</p> <p>Diferentes objetos:</p> <p>- bacia com água; - 2 garrafas de plástico (uma vazia e outra cheia); - rolha de garrafa; - clipe; - lápis; - esponja; - peça de madeira;</p>	<p>- Observação direta;</p> <p>- Registo escrito.</p> <p>- Ficha de registo/avaliação</p>

<p>(3) Promover o interesse pela experimentação;</p> <p>(4) Estimular a previsão e a observação de um comportamento; (flutuação/não flutuação);</p> <p>(5) Dar a conhecer diferentes materiais com diferentes comportamentos;</p> <p>(6) Incentivar o agrupamento de objetos em função do seu comportamento na água (flutua/não flutua);</p>	<p>Conhecimento do mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - curiosidade e desejo de saber; - sensibilização às ciências; - física/química; - método científico; - Domínio da matemática(formar conjuntos); 	<p>será explicada a atividade a realizar posteriormente. (atividade do flutua ou não flutua em água?).</p> <p>O grande grupo será dividido em 2 sub-grupos de 5 elementos cada um, os quais irão sentar-se nas mesas da sala. As restantes crianças irão brincar pelas diferentes áreas da sala e à medida que as crianças vão acabando a atividade, trocam com as crianças que se encontram nas áreas.</p> <p>Quando as crianças se encontrarem nas mesas para a realização da atividade orientada (3), irei colocar uma bacia com água em cima da mesa e os objetos juntos desta, misturando-os. Posteriormente, irei pedir à criança que escolha um objeto e que o identifique e que tente adivinhar se flutua ou se se afunda (3) e (4). De seguida, a criança irá fazer a experiência colocando o objeto dentro da bacia com água. Isto irá repetir-se com todos os objetos.(5) Após este momento, irei pedir às crianças que separem por grupos, os objetos que flutuam e os que se afundam. (6) No fim da atividade irei fazer um debate com todas as crianças, para que as crianças percebam o porquê de alguns objetos de afundarem e outros flutuarem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - borracha; - colher; - 1 folha; - pedaço de plasticina; - carro de brincar, de plástico; - carro de brincar, de metal. 	
--	---	--	--	--

--	--	--	--	--

Planificação 15 de abril (p3)

Rotina	8h00m- Acolhiment o 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoches.
---------------	---	---	---	---------------------------------	--	---------------------	--	--

Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades	Gestão dos recursos humanos e materiais	Avaliação
<p>(1) Respeitar a sua vez de falar;</p> <p>(2) Produzir frases simples, utilizando adequadamente concordâncias de género e</p>	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação;</p> <p>- domínio da língua oral.</p> <p>- domínio da matemática (formar conjuntos);</p>	<p>Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível.</p> <p>Posteriormente será cantada a musica do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia. Após o momento de eleição, caso alguma criança tenha levado uma história para a sala, poderá haver uma leitura da mesma, realizada por mim ou educadora.</p> <p>Ainda com as crianças sentadas no tapete, (2)</p>	<p>Humanos:</p> <p>-Crianças; -Educadora; -Estagiárias; -Auxiliar de Ação Educativa.</p> <p>Materiais:</p> <p>Diferentes objetos:</p> <p>- bacia com água; - 2 garrafas de plástico (uma vazia e outra cheia); - rolha de garrafa; - clipe; - lápis; - esponja;</p>	<p>- Observação direta; - Registo escrito. - Ficha de registo/avaliação</p>

<p>número;</p> <p>(3) Promover o interesse pela experimentação;</p> <p>(4) Estimular a previsão e a observação de um comportamento; (flutuação/não flutuação);</p> <p>(5) Dar a conhecer diferentes materiais com diferentes comportamentos;</p> <p>(6) Incentivar o agrupamento de objetos em função do seu comportamento na água (flutua/não flutua);</p>	<p>Área do Conhecimento do mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - curiosidade e desejo de saber; - sensibilização às ciências; - física/química; - método científico; - Domínio da matemática(formar conjuntos); 	<p>será explicada a atividade a realizar posteriormente. (atividade do flutua ou não flutua em água?).</p> <p>O grande grupo será dividido em 2 sub-grupos de 5 elementos cada um, os quais irão sentar-se nas mesas da sala. As restantes crianças irão brincar pelas diferentes áreas da sala e à medida que as crianças vão acabando a atividade, trocam com as crianças que se encontram nas áreas.</p> <p>Quando as crianças se encontrarem nas mesas para a realização da atividade orientada (3), irei colocar uma bacia com água em cima da mesa e os objetos juntos desta, misturando-os. Posteriormente, irei pedir à criança que escolha um objeto e que o identifique e que tente adivinhar se flutua ou se se afunda (3) e (4). De seguida, a criança irá fazer a experiência colocando o objeto dentro da bacia com água. Isto irá repetir-se com todos os objetos.(5) Após este momento, irei pedir às crianças que separem por grupos, os objetos que flutuam e os que se afundam. (6) No fim da atividade irei fazer um debate com todas as crianças, para que as crianças percebam o porquê de alguns objetos de afundarem e outros flutuarem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - peça de madeira; - borracha; - colher; - 1 folha; - pedaço de plasticina; - carro de brincar, de plástico; - carro de brincar, de metal. 	
---	---	--	--	--

--	--	--	--	--

Planificação 16 de abril (p4)

Rotina	8h00m- Acolhiment o 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoques.
---------------	---	---	---	---------------------------------	--	---------------------	--	--

Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades	Gestão dos recursos humanos e materiais	Avaliação
<p>(1) Respeitar a sua vez de falar;</p> <p>(2) Produzir frases simples, utilizando adequadament e concordâncias de género e número;</p> <p>(3) Estimular a</p>	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação;</p> <p>- domínio da linguagem oral;</p> <p>- domínio da linguagem escrita (o livro);</p>	<p>Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível.</p> <p>Posteriormente será cantada a musica do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia. Após o momento de eleição, irei ler um livro de histórias infantis intitulado de “A quinta do Zacarias” da autoria de Everest Editora, por forma a contextualizar as crianças para a atividade a realizar posteriormente.</p> <p>Ainda com as crianças sentadas no tapete, (2)</p>	<p>Humanos:</p> <p>-Crianças; -Educadora; -Estagiárias; -Auxiliar de Ação Educativa.</p> <p>Materiais:</p> <p>Colher de pau; 1 pau; 1 balão; Cola branca; Jornal; Fio; Camisola velha; Calças velhas; Papel eva;</p>	<p>- Observação direta;</p> <p>- Registo escrito.</p> <p>- Ficha de registo/avaliação</p>

curiosidade do desejo de saber;	- Domínio da expressão plástica.	será explicada a atividade a realizar posteriormente.	Ráfia ou palha;	
(4) Sensibilizar às ciências;	Área de Conhecimento do Mundo;	A atividade consiste na construção de um pequeno espantalho para colocar na horta. (3)		
(5) Desenvolver a autonomia;	- curiosidade de saber;	Nesta atividade, irei dividir o grande grupo em 3 sub-grupos de 5 elementos cada um e as restantes crianças irão brincar nas áreas da sala.		
(6) Promover a utilização de diferentes materiais e recursos;	- sensibilização às ciências;	À medida que as crianças que se encontram nas mesas da atividade orientada vão acabando o seu papel, vou chamando crianças das áreas para as substituírem.		
(7) Incentivar o acesso à arte;	- materiais e recursos;	Um grupo irá ficar responsável por fazer bolas de papel de jornal para colocar dentro da roupa do espantalho (por modo a enchê-lo), outro grupo irá colar pedaços de papel de jornal num balão para dar origem à cabeça do espantalho e outro grupo irá ficar responsável por fazer os olhos e a boca do espantalho com papel eva, assim como o cabelo do mesmo. (em ráfia ou palha). (5), (6), (7) e (8).		
(8) Incentivar a reciclagem.	- educação ambiental;	Quando estes elementos estiverem concluídos, irei ajudar as crianças a construir o espantalho, ou seja, juntar a colher de pau e pau por forma a originar o corpo e posteriormente vesti-lo e colocar os adereços.(5)		
		Quando o espantalho estiver concluído, iremos colocá-lo na nossa horta, que foi construída na semana anterior. (4)		

Planificação 17 de abril (p5)

Rotina	8h00m- Acolhimento 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoches.
Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades			Gestão dos recursos humanos e materiais	Avaliação		
<p>(1) Respeitar a sua vez de falar;</p> <p>(2) Produzir frases simples, utilizando adequadamente e concordâncias de género e número;</p> <p>(3) Estimular a</p>	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação;</p> <p>- domínio da linguagem oral;</p> <p>- Domínio da expressão</p>	<p>Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível.</p> <p>Posteriormente será cantada a musica do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>Posteriormente iremos proceder à continuação da atividade do dia anterior (construção do espantalho).</p>			<p>Humanos:</p> <p>-Crianças;</p> <p>-Educadora;</p> <p>-Estagiárias;</p> <p>-Auxiliar de Ação Educativa.</p> <p>Materiais:</p> <p>Colher de pau;</p> <p>1 pau;</p> <p>1 balão;</p> <p>Cola branca;</p> <p>Jornal;</p> <p>Fio;</p> <p>Camisola velha;</p> <p>Calças velhas;</p> <p>Papel eva;</p>	<p>- Observação direta;</p> <p>- Registo escrito.</p> <p>- Ficha de registo/avaliação</p>		

<p>curiosidade do desejo de saber;</p> <p>(4) Sensibilizar às ciências;</p> <p>(5) Desenvolver a autonomia;</p> <p>(6) Promover a utilização de diferentes materiais e recursos;</p> <p>(7) Incentivar o acesso à arte;</p> <p>(8) Incentivar à reciclagem.</p>	<p>plástica.</p> <p>Área de Conhecimento do Mundo;</p> <p>- curiosidade de desejo de saber;</p> <p>- sensibilização às ciências;</p> <p>- materiais e recursos;</p> <p>- educação ambiental;</p>		<p>Ráfia ou palha;</p>	
---	--	--	------------------------	--

Planificação 28 de abril (p6)

Rotina	8h00m- Acolhiment o 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoques.
---------------	---	---	---	---------------------------------	--	---------------------	--	--

Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades
<p>(8) Respeitar a sua vez de falar;</p> <p>(9) Estimular a curiosidade do desejo de saber;</p> <p>(10) Desenvolver a autonomia e o sentido de responsabilidade;</p> <p>(11) Incentivar as crianças a observarem o crescimento dos girassóis;</p> <p>(12) Fazer com que cada criança fique responsável por um</p>	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação;</p> <p>-Domínio da Expressão Dramática;</p> <p>✓ Sombras chinesas. (A)</p> <p>- Domínio da Expressão Motora;</p> <p>✓ Jogos de movimento (B)</p> <p>Área de Conhecimento do mundo;</p> <p>- Explorar efeitos de sombra</p> <p>✓ Física. (C)</p>	<p>Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível.</p> <p>Posteriormente será cantada a musica do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia.</p> <p>Após este momento, irei organizar o grupo por forma a que fiquem todos sentados em cadeiras virados para o fantocheiro para conseguirem ver as sombras chinesas ao mesmo tempo que ouvem a história – “O Girassol Solitário”. Esta história fala de um girassol apareceu e se sentia sozinho e ao longo da história vai fazendo amigos. Transmite uma moral sobre os valores e a amizade (2 e 4) (A e C).</p> <p>Da parte da tarde, irei contextualizar as crianças para a semente de girassóis. (Atividade 2). De seguida irei organizar as crianças em comboio para se dirigirem para o espaço exterior, mais propriamente para perto da horta. Depois irão sentar-se no chão em roda, para que eu distribua uma semente de girassol por cada criança e um recipiente. Posteriormente irei explicar a atividade (e chamar duas crianças de cada vez para poderem</p>

<p>girassol, com a finalidade de os levarem para casa. (13) Dar continuação à nossa sementeira/horta;</p>		<p>fazer a sua sementeira. (3) Enquanto isto, as restantes crianças irão estar a fazer jogos ou canções de roda, com a ajudante de ação educativa ou com a minha colega de estágio. (B) Esta atividade surgiu a partir do momento em que uma mãe de uma criança levou sementes de girassol para todas as crianças semearem.</p>
---	--	---

Planificação 29 de abril (p7)

Rotina	8h00m- Acolhimento 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoches.
Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades			Gestão dos recursos humanos e materiais	Avaliação		
<p>(14) Respeitar a sua vez de falar;</p> <p>(15) Estimular a curiosidade do desejo de saber;</p> <p>(16) Contextualizar as crianças para uma palestra/exposição dirigida por pessoas vindas</p>	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação;</p> <p>- domínio da linguagem oral;</p> <p>(A)</p> <p>Área de Conhecimento do mundo;</p> <p>- conteúdos relativos à biologia (algumas características e</p>	<p>Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível. Posteriormente será cantada a musica do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia. No fim de terem comido a bolacha, irei iniciar um diálogo com as crianças sobre cogumelos, isto é, irei perguntar se sabem o que são cogumelos, se já alguma vez viram cogumelos e se já alguma vez comeram cogumelos. (2) (A)</p>			<p>Humanos:</p> <p>-Crianças;</p> <p>-Educadora;</p> <p>-Estagiárias;</p> <p>-Auxiliar de Ação Educativa.</p> <p>Materiais:</p> <p>Atividade 1</p> <p>Imagens de cogumelos;</p> <p>Tabela de registos;</p>	<p>- Observação direta;</p> <p>- Registo escrito.</p> <p>- Ficha de registo/avaliação</p>		

do exterior;	reino pertencente.) (B) ✓ Biologia	<p>Estas respostas irão ser registadas numa tabela, para depois haver uma comparação, com o que já sabiam, o que queriam saber e o que ficaram a saber.</p> <p>Durante o diálogo irei mostrar algumas imagens sobre cogumelos e falar um pouco acerca dos mesmos, como por exemplo, dizer onde se podem encontrar, que alguns são comestíveis e outros não e ainda a que família pertencem. (3) (A e B)</p> <p>Posteriormente, as crianças irão dirigir-se para o exterior para assistirem à palestra/exposição sobre cogumelos.</p> <p>Da parte da tarde, poderei explorar um pouco melhor a atividade, dependendo do que se tiver falado na palestra.</p>		
--------------	--	---	--	--

Planificação 30 de abril

Rotina	8h00m- Acolhimento o 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoques.
---------------	--	---	---	---------------------------------	--	---------------------	--	--

Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades	Gestão dos recursos humanos e materiais
<p>(17) Respeitar a sua vez de falar;</p> <p>(18) Contextualizar as crianças para o dia da mãe;</p> <p>(19) Incentivar as crianças a falarem da sua mãe;</p> <p>(20) Fazer com que a criança</p>	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação;</p> <p>- Domínio da língua oral.</p> <p>- Domínio da língua escrita.</p> <p>✓ História</p>	<p>Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível.</p> <p>Posteriormente será cantada a musica do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia.</p> <p>No fim de comerem a bolacha, ainda com as crianças</p>	<p>Humanos:</p> <p>-Crianças;</p> <p>-Educadora;</p> <p>-Estagiárias;</p> <p>-Auxiliar de Ação Educativa.</p> <p>Materiais:</p> <p>Livro “ Gosto muito de ti, mamã” de Catherine Vãse.</p> <p>Cartão;</p> <p>Flores de papel crepe;</p>

<p>consiga expressar o que sente em relação à mãe;</p> <p>(21) Estimular um diálogo que as leve a relembrar o que fizeram ao longo da semana e com que finalidade (prenda para o dia da mãe);</p> <p>(22) Estimular a criatividade;</p> <p>(23) Desenvolver a motricidade fina;</p>	<p>contada pelo educador. (A)</p> <p>- Domínio da expressão plástica.</p> <p>✓ Trabalhos manuais. (B)</p>	<p>sentadas no tapete irei contar uma história intitulada “Gosto muito de ti, mamã” de Catherine Vãse, com o intuito de relembrar a aproximação do dia da mãe. (2) e (A). Aqui irei iniciar um diálogo sobre a história e as suas mães. (3,4 e 5).</p> <p>No fim de ouvirem a história irão terminar a prenda para o dia da mãe, iniciada na semana anterior e realizada ao longo da semana, ou seja, irão terminar as molduras feitas de cartão e decoradas com flores de papel crepe e irão colar o desenho feita com a técnica de pintura no cartão, por forma a resultar o produto final. (6 e 7) e (B).</p>	<p>Cola.</p>
---	---	--	--------------

Planificação 12 de maio (p8)

Planificação 12 de maio (p8)								
Rotina	8h00m- Acolhiment o 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoques.
Competências a desenvolver		Áreas de conteúdo		Estratégias e Atividades			O que o educador poderá fazer a partir da brincadeira livre das crianças	
(24) Respeitar a sua vez de falar; (25) Dar a conhecer a realidade de uma quinta através de um video; (26) Fazer com que a criança fique com uma ideia		Área de Formação Pessoal e Social; Área de Expressão e Comunicação; - Domínio da linguagem oral. - Domínio das novas técnicas		Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível. Posteriormente será cantada a musica do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as			Área da casinha: Evolução do jogo simbólico - Irei sugerir às crianças que me sirvam um prato para	

<p>do que é uma quinta;</p> <p>(27) Mostrar à criança o que poderá encontrar na quinta pedagógica – visita de estudo;</p> <p>(28) Estimular a curiosidade em relação às quintas;</p> <p>(29) Estimular o gosto pela criação de possíveis objetos de brincadeira livre;</p>	<p>✓ Educação para os media. (A)</p> <p>- Domínio da expressão plástica.</p> <p>✓ Trabalhos manuais. (B)</p> <p>Área de Conhecimento do Mundo;</p> <p>- Curiosidade do desejo de saber; (C)</p> <p>- Biologia; (D)</p>	<p>crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia. Após o momento de eleição, caso alguma criança tenha levado uma história para a sala, poderá haver uma leitura da mesma, realizada por mim.</p> <p>Ainda com as crianças sentadas no tapete, (2) será explicada a atividade a realizar posteriormente. (atividade 1). Inicialmente irei iniciar um diálogo com as crianças, perguntando se sabem o que é uma quinta, o que lá existe e se já foram visitar alguma. Posteriormente, todas as crianças se irão sentar em cadeiras organizadas em fila, para que possam ver o filme que irá ser retroprojetado na parede da sala. (A, C e D). (obj.2,3,4 e 5).</p> <p>No fim de verem o filme, irei ter uma conversa sobre o que eles têm na área das construções e que brincadeiras poderão fazer lá, como por exemplo, perguntar o que acham de construir uma quinta com as madeiras e brincar com animais. Para isso, direi a uma criança para ir ver se têm animais no balde dos brinquedos. Essa criança, irá ver que não têm. Então, vou perguntar o que acham da ideia de irem construir animais e elementos da quinta (como por exemplo, árvores) com diversos materiais (atividade 2), para depois poderem brincar com os elementos obtidos juntamente com as madeiras na área das construções, ou seja,</p>	<p>almoçar, o que será o meu almoço e o que será necessário para servir este almoço.</p> <p>Área da garagem:</p> <p>Jogo dramático</p> <p>- Normalmente, nesta área as crianças desempenham o papel de condutor, irei pedir às crianças que me levem a passear e que me digam para onde me levarão e o que preciso de levar. Irei perguntar se é preciso colocar sinto e porquê.</p>
--	--	---	---

		através do brincar ao faz de conta, poderão construir uma quinta.(B). (obj.6)	
--	--	---	--

Planificação 13 de maio (p9)

Rotina	8h00m- Acolhimento 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoches.
Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades		O que o educador poderá fazer a partir da brincadeira livre das crianças	Gestão dos recursos humanos e materiais	Avaliação		
<p>(30) Respeitar a sua vez de falar;</p> <p>(31) Dar a conhecer os animais que poderão pertencer a uma quinta;</p> <p>(32) Dar a conhecer algumas características desses animais;</p>	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Domínio da linguagem oral. ✓ História lida pela estagiária. (A) - Domínio da matemática. 	<p>Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível. Posteriormente será cantada a música do “bom dia” em conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las</p>		<p>Área da casinha:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na área da mercearia, irei observar as crianças a venderem e a comprarem produtos. No momento da troca de dinheiro, irei fazer com que 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Crianças; -Educadora; -Estagiárias; -Auxiliar de Ação Educativa. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - História “Lola na quinta”; - Avental; - Imagens das personagens 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registo escrito. - Ficha de registo/avaliação 		

<p>(33) Estimular o gosto pela matemática;</p> <p>(34) Estimular a criança a ser capaz de formar conjuntos segundo um critério;</p> <p>(35) Incentivar as crianças a contarem, ou seja, contarem o número de patas dos animais, por exemplo.</p>	<p>✓ Formar conjuntos. (B)</p> <p>Área de Conhecimento do Mundo;</p> <p>- Curiosidade do desejo de saber; (C)</p>	<p>para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia. Após o momento de eleição, caso alguma criança tenha levado uma história para a sala, poderá haver uma leitura da mesma, realizada por mim. Ainda com as crianças sentadas no tapete, irei contar a história intitulada de “ Lola na quinta”. (atividade 1).Esta história será contada através de um avental das histórias, ou seja, à medida que vou contando a história, vou colocando as personagens no avental. (A e C) / (obj.2 e 3). Quando terminar a história, irei colocar algumas perguntas, tais como: “que animais haviam na quinta da lola?” e “quais as características de cada animal?”. Posteriormente irei organizar as crianças em pequenos grupos, sendo que um grupo irá estar a realizar a atividade 2 (orientada por mim) e as restantes crianças irão estar a brincar nas diferentes áreas. No centro da mesa, irei colocar imagens com diferentes animais, tais como: vacas, cabras, ovelhas, galinhas, porcos, coelhos, cavalos, burros, tartarugas e caracois, como por</p>	<p>a criança aprenda a dar o troco certo, por exemplo, ou dar a entender que quem vende terá que retribuir menos dinheiro do que a que comprou.</p> <p>Área das construções:</p> <p>- quando as crianças estiverem a fazer construções com as madeiras, podei também construir algo com eles, dizendo o nome das figuras geométricas para que eles fiquem com uma ideia, isto é, poderei por exemplo</p>	<p>(animais e menina) da quinta;</p> <p>- Cartolina;</p> <p>- 25 imagens de animais reais;</p> <p>- Imagens de animais para colorir;</p> <p>- Diversos materiais de reciclagem (cartão, rolos de papel higiénico, entre outros);</p> <p>- Diferentes imagens de animais reais;</p>	
--	---	---	---	--	--

		<p>exemplo. De seguida, irei pedir às crianças que selecionem um critério, ou seja, que organizem os animais de acordo com o número de patas, com o revestimento do corpo, com a locomoção, ou alimentação. (B)/(obj.4,5 e 6).</p> <p>Quatro grupos irão ser compostos por 5 elementos e um grupo por 4 elementos. Cada criança irá escolher duas imagens, sendo que cada grupo tem uma folha de cor para colocar os seus conjuntos. À medida, que vão formando os conjuntos, eu irei perguntar o porquê daquela escolha. Enquanto algumas crianças estão a fazer esta atividade, as restantes irão continuar a atividade do dia anterior, ou seja, a construção de elementos da quinta com diferentes materiais, para poderem brincar na área das construções, construindo uma quinta.</p>	construir uma árvore dizendo que utilizei um cilindro e uma pirâmide.		
--	--	---	---	--	--

Planificação 14 de maio (p10)

Rotina	8h00m- Acolhimento 8h30m – Atividades livres nas áreas da sala	9h30m – Reunião matinal no tapete 10h00m – Atividades programadas e atividades nas áreas.	11h45m- Arrumar a sala 11h50m- Recreio 12h05m – Higiene 12h15m – Almoço 12h50m - higiene	13h00m- Bricadeira livre;	14h00 – Atividades orientadas e atividades nas áreas; 15h30m - Recreio	16h00m – Lanche;	16h30m- Recreio ou atividades livres nas áreas da sala;	17h00m – Jogos de tapete, rodas, histórias, fantoches.
Competências a desenvolver	Áreas de conteúdo	Estratégias e Atividades	O que o educador poderá fazer a partir da brincadeira livre das crianças	Gestão dos recursos humanos e materiais	Avaliação			
(36) Respeitar a sua vez de falar; (37) Proporcionar momentos de brincadeira livre; (38) Incentivar as crianças a brincarem com materiais	Área de Formação Pessoal e Social; Área de Expressão e Comunicação; - Domínio da Expressão Motora ✓ Motricidade fina; (A) ✓ Jogo simbólico; (B)	Terminada a hora de acolhimento, as crianças irão arrumar a sala e posteriormente sentar-se-ão no tapete, sendo que estas ficam organizadas de forma a sentarem-se intercaladamente, ou seja, um menino e uma menina e assim sucessivamente, se possível. Posteriormente será cantada a música do “bom dia” em	Área dos jogos - Neste dia poderei ir à área dos jogos e iniciar um novo jogo inserido no tema da mercearia, o qual nunca foi	Humanos: -Crianças; -Educadora; -Estagiárias; -Auxiliar de Ação Educativa. Materiais: - Materiais construídos pelas crianças no dia anterior	- Observação direta; - Registo escrito. - Ficha de registo/avaliação			

<p>construídos por elas em áreas já existentes;</p> <p>(39) Mostrar à criança que poderá criar diferentes situações do cotidiano na área das construções, neste caso construir uma quinta;</p> <p>(40) Desenvolver a motricidade fina;</p> <p>(41) Desenvolver a capacidade de equilíbrio;</p>		<p>conjunto de forma a acalmar as crianças e a contextualizá-las para um novo dia. (1)</p> <p>De seguida, será eleito o chefe do dia. Após o momento de eleição, caso alguma criança tenha levado uma história para a sala, poderá haver uma leitura da mesma, realizada por mim.</p> <p>Posteriormente, irei dizer às crianças que os animais e elementos da quinta construídos por elas, serão colocadas na área das construções e irei pedir a uma criança que vá colocar esses mesmos elementos na área. No fim, as crianças que não acabaram a atividade dos conjuntos referentes ao dia anterior irão acabá-los e as restantes crianças irão brincar livremente pelas várias áreas da sala. Neste dia, irei tentar com que maior parte das crianças passe pela área das construções, para ter a oportunidade de construir uma quinta imaginária com as madeiras e os diversos materiais construídos por elas, principalmente os animais. (A e B)/ (obj.2,3,4,5 e 6).</p>	<p>jogado. Aqui irei fazer ver à criança que existem jogos de mesa que podem ser jogados em grupo e com regras.</p>	<p>(animais, árvores, etc).</p>	
--	--	--	---	---------------------------------	--

Anexo C - Avaliações

Avaliação geral do grupo
Experiência: A mesma, mais ou menos água. (A1)

Crianças	Nível geral de bem-estar						Nível geral de Implicação					
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?
Nomes												
1.A			x							x		
2.B			x							x		
3.C			x							x		
4.D			x							x		
5.E				x							x	
6.F			x							x		
7.G			x							x		
8.H			x							x		
9.I			x							x		
10.J					x						x	
11.L			x							x		
12.M				x							x	
13.N			x							x		
14.O			x							x		
15.P			x							x		
16.Q			x							x		
17.R			x							x		
18.Samira				x							x	
19.T				x							x	

Observações: No que respeita ao nível geral de bem-estar as crianças 5, 12, 18 e 19, mostraram satisfação em fazer a atividade, pois participaram na atividade com gosto, mostrando interesse em encher os recipientes e curiosidade em saber qual seria o recipiente que levaria mais água ou menos água. À medida que fui enchendo os copos para posteriormente serem despejados nos recipientes, estas crianças contaram em voz alta o número de copos. Relativamente ao nível geral de implicação, estas crianças mostraram-se motivadas e concentradas na atividade. A criança 10, no que respeita ao nível geral de bem-estar, mostrou autoconfiança, evidenciando alegria e simpatia conversando comigo (estagiária). Relativamente ao nível de implicação, esta esteve com elevada concentração na atividade.

As restantes crianças, no que respeita ao nível de bem-estar, tiveram um momento significativo mas necessitaram de algum apoio para registar as suas previsões, pois algumas tiveram dificuldade em prever qual o recipiente que levaria mais água ou menos água. No que diz respeito ao nível de implicação, as crianças envolveram-se na atividade, embora por breves momentos, a atenção tenha sido mais superficial.

Avaliação geral do grupo
Atividade: Construção do espantalho (A4)

Data: 16 e 17 de abril



No geral, todas as crianças estiveram envolvidas na atividade, ou seja, participaram na construção do espantalho com interesse e motivação. Na realização desta atividade, as crianças foram recetivas e assertivas, ou seja, mostraram-se disponíveis para construir o espantalho e explorar os materiais na construção do mesmo.

Relativamente ao nível de bem-estar emocional, a maioria das crianças encontrou-se no nível 5, pois expressaram alegria, sorrindo e autoconfiança. Duas crianças, encontraram-se no nível 4, pois estavam felizes e satisfeitas, mas por momentos expressaram sinais de desconforto e desmotivação. Estas

encontravam-se agitadas e estiveram a maioria do tempo a saltar de área em área.

No que respeita à implicação, a maioria do grupo esteve concentrado na atividade e com energia, ou seja, investiram esforço e entusiasmo na atividade. Foram persistentes, pois não abandonaram a atividade e expressaram interesse e criatividade na construção do espantalho.

Avaliação geral do grupo

Atividade: história “O Girassol Solitário” com sombras chinesas (A5)



No geral, as crianças estiveram atentas e motivadas durante a atividade, ou seja, estiveram concentradas a ouvir a história e interagiram comigo, durante o conto da história.

Posteriormente, as crianças manipularam as sombras chinesas, recontando a história. As crianças conseguiram fazê-lo com sucesso, ou seja, conseguiram elaborar frases completas e com sentido, de acordo com a história que tinham ouvido anteriormente. As crianças, mostraram-se felizes, sorrindo e pulando quando puderam manipular as sombras.

Ficha de avaliação geral do grupo
Atividade: Diálogo e História sobre cogumelos (A6)

O que já sabiam	O que queriam saber	O que aprenderam
<ul style="list-style-type: none"> - Alguns cogumelos são venenosos, mas outros não; - Os venenosos não são para comer; - Podemos encontrar cogumelos nas florestas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais são os bons e quais são os venenosos; - A cor dos cogumelos; - Onde os podemos apanhar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como crescem os cogumelos; - Como se plantam; - Há cogumelos maus e cogumelos bons; - Os cogumelos bons podem-se comer; - Não podem comer cogumelos com bactérias; - Os ciêntistas observam os cogumelos com uma lupa; - Podem semear cogumelos em borras de café; - Os cogumelos têm que ficar no escuro duas semanas para crescerem; - Os cogumelos têm que respirar e beber água.



Observação: Inicialmente, tive um diálogo com as crianças para conseguir perceber e registar o que já sabiam e o que queriam saber acerca dos cogumelos. Posteriormente, fui mostrando vários cartões com imagens, por forma a que fossem as crianças a criar uma história com o tema cogumelos.

Uma criança iniciou a história e todas as crianças participaram, ou seja, todas

acrescentaram algo, por forma a criarem uma história com seguimento e lógica.

A atividade foi bem sucedida, pois todas as crianças quiseram participar na atividade e estavam constantemente a colocar o dedo no ar para poderem falar. A partir das imagens, as crianças conseguiram expôr a sua criatividade e criar uma história lógica, ou seja, com sentido.

Avaliação Geral do grupo
Atividade: Construção de animais em cartão e com massa de cores (A8)



Observações: A maioria das crianças estiveram envolvidas nas atividades, ou seja, na ilustração de imagens de animais e na construção de animais com a massa de cores, mas duas crianças tiveram dificuldade em manterem-se na mesa atividade da massa de cores, ou seja, realizaram a mesma, mas a maioria do tempo estiveram a saltar de mesa em mesa. A capacidade de concentração estava muito baixa.

No entanto, foram bastante criativas no que diz respeito à construção de animais com a massa de cores, uma vez que conseguiram realizar diferentes construções através da imaginação. Tiveram ainda bastante facilidade em manipular a massa dando origem a uma produto final, ou seja, trabalharam e brincaram ao mesmo tempo, mas com uma finalidade, a de criar animais para poderem brincar na área das construções. No que diz respeito à decoração dos animais em papel, todas as crianças foram capazes de decorar os respectivos animais, sendo que algumas foram mais criativas do que outras, ou seja, umas coloriram e fizeram colagens e outras apenas coloriram a imagem. Nesta atividade, algumas crianças tiveram dificuldade em fazer as colagens e outras já tinham a motricidade fina bem desenvolvida, o que as facilitou neste processo.

Avaliação geral do grupo
Atividade: História “Lola na quinta” (A9/10)

Crianças	Atenção ao ouvir a história						Compreensão da História					
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?
Nomes *												
1.Criança A				x						x		
2.Criança B			x									
3.Criança C			x									
4.Criança D					x							
5.Criança E	Faltou											
6.Criança F				x						x		
7.Criança G					x					x		
8.Criança H				x						x		
9.Criança I				x						x		
10.Criança J					x					x		
11.Criança L				x						x		
12.Criança M					x					x		
13.Criança N				x						x		
14.Criança O				x						x		
15.Criança P			x							x		
16.Criança Q				x						x		
17.Criança R					x					x		
18.Criança S				x						x		
19.Criança T				x						x		
20.Criança U				x						x		
21.Criança V				x						x		
22.Criança X				x						x		
23.Criança Z			x							x		
24.Criança AA					x					x		

Observação: A maioria das crianças esteve com atenção no momento do conto, embora algumas crianças apresentassem uma certa distração. No entanto todas identificaram as personagens da história, bem como a compreensão das funções das mesmas.

Através da observação, consegui perceber que as crianças gostaram bastante da história e da forma como foi contada, pois algumas mostravam-se mesmo como se estivessem dentro da história. Esta reação aconteceu talvez pela estratégia que utilizei para contar a história, ou seja, contei a mesma recorrendo a um avental das histórias.

Anexo D - Reflexão Final

I - Contexto de integração na instituição

Apresento nesta reflexão a minha experiência referente ao período de observação e intervenção decorrida durante oito semanas, onde irei referir as minhas expectativas relativas ao estágio, bem como os receios do mesmo, o significado atribuído a esta experiência, o que observei e as aprendizagens adquiridas.

No dia 10 de março, foi o primeiro dia em que me dirigi à instituição para iniciar o estágio de observação, onde conheci o grupo de crianças (quatro/cinco anos de idade) com quem iria realizar o estágio de iniciação à prática profissional, a Educadora Cooperante (Gabriela) e a Ajudante de Ação Educativa (Ana).

Observar consiste na “visualização de ações e realizações da(s) criança(s), ouvir o que ela(s) diz (em) e registar com suficiente detalhe de modo a ser compreensível e ter significado para outras pessoas que possam vir a ler.”(Cohen, Stern e Balaban, 1997, citados por Szarkowicz, 2006).

A minha integração na instituição foi positiva, uma vez que me senti bem recebida por toda a comunidade educativa, tanto pelas educadoras, como pelas ajudantes de ação educativa, como pelas auxiliares de serviço geral. Toda a comunidade reagiu de forma a que eu me sentisse bem e motivada para realizar o meu estágio na instituição.

Por exemplo, quando entramos na Instituição, a ajudante responsável por abrir a porta tem sempre uma palavra agradável para nos dizer e faz com que nos sintamos bem em estar na instituição, bem como toda a comunidade educativa presente nesta instituição. Quando vamos almoçar, as funcionárias da cozinha também nos recebem sempre de forma positiva, fazendo com que nos sintamos integradas na instituição.

Durante estas semanas de estágio, tem havido um bom ambiente entre mim e toda a comunidade educativa, assim como entre mim e as minhas colegas estagiárias. Isto é, temos conseguido ter uma boa relação profissional, não existindo conflitos entre nós.

Anteriormente, já realizei vários estágios em contexto de Jardim-de-infância, um em contexto de 1º ciclo e outro em contexto de creche. Estes estágios foram aplicados durante o meu curso de Técnica de Apoio à Infância e durante a Licenciatura em Educação Básica. O estágio em contexto de creche, foi aplicado por mim pela primeira vez no Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Relativamente ao primeiro semestre de Mestrado Em Educação Pré-Escolar, realizei o meu primeiro estágio em contexto de creche, sendo que este foi de observação e intervenção. O grupo de crianças encontrava-se na faixa etária entre os 2 e os 3 anos, o qual era composto por 14 crianças, 9 do sexo masculino e 5 do sexo feminino.

Durante o período de observação, tive uma grande vontade de conhecer o contexto de creche no que diz respeito ao funcionamento do mesmo, ou seja, aprender a lidar

com as rotinas e interagir com crianças de dois anos, assim como adquirir uma noção dos tipos de atividades possíveis de realizar com as crianças.

Ao logo destas semanas, percebi que muitas crianças ainda têm a linguagem verbal pouco desenvolvida, ou seja, ainda não falam. Em contrapartida, algumas já têm a linguagem bem desenvolvida, uma vez que se percebe tudo o que dizem. Apesar de algumas crianças ainda não falarem, já conseguem perceber tudo o que a educadora ou auxiliar dizem.

As crianças passam muito tempo a brincar na sala de forma livre com os brinquedos da sala e por isso, sei que terei de adaptar as minhas atividades de forma a cativar a atenção das crianças.

Segundo *Gabriela Portugal*, aos 2 anos de idade, “*as crianças afirmam a sua autonomia e atribuem significado ao mundo que descobrem. No processo de compreensão da realidade, o desenvolvimento assume-se como uma ferramenta crucial sendo importante providenciar variadas oportunidades para que a criança encontre quem converse com ela (preferencialmente, o educador de referência ou figura chave), se sinta escutada e valorizada nos seus esforços comunicativos.*”

Durante este estágio de observação e intervenção, fiquei a perceber também que a sala dos 2 anos funciona muito à base de rotinas, o que é bastante importante para desenvolver a autonomia e confiança na criança.

Relativamente às aprendizagens obtidas, estas recaíram sobre a forma como devemos interagir com as crianças, como devemos mudar a fralda à criança, como devemos intervir na hora da refeição, ou seja, a maneira como se junta a carne ou o peixe ralada/o à sopa e dar os respetivos pratos a cada criança.

Em relação ao segundo semestre, o grupo de crianças, com o qual realizei o meu estágio, é constituído por 25 crianças sendo que 11 são do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A maioria do grupo tem quatro anos, à exceção de quatro crianças que já têm cinco anos de idade. Nenhuma criança tem Necessidades Educativas Especiais e todas sendo muito autónomas e mostrando-se bastante motivadas em participar e experimentarem novas coisas. Este grupo de crianças, tem bastante interesse em brincar, principalmente no exterior (recreio).

No decorrer da semana, existe uma rotina diária, que é cumprida por todo o grupo de crianças. Desde o acolhimento até à hora de sentar no tapete (reunião matinal), as crianças brincam livremente pelas várias áreas da sala. Após a reunião matinal, as crianças têm por hábito fazer atividades programadas e atividades nas áreas. No momento das atividades orientadas, verifiquei ao longo destas semanas, que o grupo

é dividido em subgrupos, sendo que alguns vão brincar livremente pelas diversas áreas da sala e os outros vão fazer atividades nas mesas orientadas pela educadora.

“ A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propôr modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual.” Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*, pp 40.

O espaço da sala deve estar organizado por forma a proporcionar momentos de brincadeira livre e aprendizagem nas crianças.

“O espaço na educação constitui-se como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das actividades instrutivas.” (Segundo Zabalza, Miguel, *Didática da Educação Infantil*, 1992, p. 120.)

“ Qualquer que seja o meio em que nos encontremos, a nossa tarefa básica deve ser a de aumentar a capacidade motivacional da nossa sala, ampliar o espectro de experiências possíveis da mesma, enriquecer os componentes no que se refere à variedade de estímulos, diversidade de situações, integração de níveis de desenvolvimento (o cognitivo, o fantástico, o motor, o social, entre outros e complementação de linguagens e modos de relação.” (Segundo Zabalza, Miguel, *Didática da Educação Infantil*, 1992, p.123.)

Durante este período de observação e intervenção, tive uma grande vontade de aprender mais acerca do contexto de Jardim-de-Infância, ou seja, conhecer melhor as rotinas e as atividades mais apropriadas para a aplicação das mesmas neste contexto, bem como a forma ou maneira de as aplicar.

II – Autodiagnóstico

Com a minha prática neste contexto como estagiária, sei que irei aprender muito, mas também irei ter muitas dificuldades que terei de superar com a minha força de vontade e com a ajuda da minha colega, Educadora Cooperante e Ajudante de ação educativa. Relativamente à minha relação construída com as crianças e com a comunidade educativa, afirmo que esta foi construída de forma positiva, ou seja, consigo ter uma conversa com a educadora e com a ajudante de ação educativa quando me surge alguma dúvida ou dificuldade. Isto é, exponho as minhas dúvidas e aceito a explicação e ordem, quer da educadora como da ajudante de ação educativa. A minha relação com as crianças é positiva, uma vez que lhes consigo transmitir não só afeto e carinho, como também algum respeito e ordem. Em algumas situações tenho dificuldade em manter a ordem dentro da sala, por exemplo na transição da brincadeira livre para a reunião matinal e na hora de higiene a seguir ao almoço, em que algumas crianças estão na casa de banho a lavar as mãos e as outras ficam dentro da sala à espera das outras, lendo um livro, por exemplo.

No que diz respeito às atividades orientadas pelas estagiárias, duas foram postas em prática na semana de intervenção partilhada e depois partimos para as semanas de intervenção individual. Relativamente à semana partilhada, as crianças fizeram o cartão para a prenda do dia do pai no primeiro dia e no segundo dia viram um filme sobre a Disney por forma a contextualizá-los para a visita de estudo que iriam realizar na semana seguinte.

Na primeira atividade (primeiro dia) , comecei por explicar o que iriam realizar e organizei o grupo em pequenos grupos, sendo que seis crianças foram para uma mesa fazer “bolinhas de papel” orientadas por mim, 5 crianças foram para outra mesa “decorar as letras «a» e «i» orientadas pela minha colega Tatiana, 4 crianças ficaram na mesa orientada pela educadora para acabarem a prenda para o dia do pai e as restantes brincaram nas diferentes áreas da sala: “casinha”, “garagem” e “cantinho dos jogos”. A atividade foi bem sucedida, uma vez que as crianças tiveram interesse em realizá-la sem dispersarem e tanto eu como a minha colega Tatiana conseguimos controlar o grupo de crianças e gerir o tempo.

Na segunda atividade (segundo dia), esta foi orientada pela minha colega, a qual colocou algumas questões tais como “que personagens estavam no filme?” “o que estavam a fazer?” e assim deu para perceber que as crianças tinham reconhecido as personagens e o contexto envolvente e que já tinham uma noção daquilo que poderiam encontrar na Disney no meu arena em Lisboa. Posteriormente, o grupo de

crianças foi dividido em 3 grupos, sendo que dois estiveram a desenhar o que iriam ver na Disney do meu ariana e as restantes crianças estiveram a brincar livremente pelas várias áreas da sala.

Esta atividade, tal como a primeira, correu bem, uma vez que o grupo esteve concentrado durante o visionamento do filme e interagiu com a minha colega durante o diálogo inicial.

No que diz respeito à minha semana de intervenção individual, comecei por falar sobre a água, fazendo algumas questões tais como “onde podemos encontrar a água?” e “para que serve a água?” e fui mostrando algumas imagens que representavam esses lugares (rio, mar, lagoa e oceano) e ações (tomar banho, lavar as mãos, lavar a fruta, lavar os dentes, entre outras). Este diálogo foi surgindo à medida que as diferentes imagens iam circulando pelo grupo.

No decorrer da atividade, o grupo esteve bastante agitado e tive que recorrer a algumas estratégias, tais como falar mais alto ou fingir que ia sair da sala. Só assim, consegui fazer com que o grupo ficasse mais calmo e atento na atividade.

Nas respostas às questões colocadas por mim acerca das imagens, a maior parte das crianças responderam e observaram com atenção as imagens à medida que iam passando de mão em mão, à exceção de uma ou de outra.

Posteriormente, o grande grupo foi dividido em sub-grupos, sendo que alguns foram fazer um desenho, por forma a ficarem com um registo do diálogo sobre a água, outros foram brincar livremente e outros foram fazer a experiência da água, mais especificamente a atividade “a mesma, mais ou menos água”. Esta atividade, foi feita com grupos de três crianças e foi bem sucedida, pois todos estiveram envolvidos e interessados na experiência, mostrando-se bastante motivados. Os desenhos foram um bom registo de atividade, uma vez que através da nossa observação, dá para verificar que eles perceberam onde podem utilizar a água.

No segundo dia, as crianças fizeram uma experiência com água: “flutua ou não flutua”. A atividade foi bem sucedida, pois as crianças mostraram-se bastante interessadas e motivadas. Algumas previsões coincidiram com as conclusões e outras estavam erradas. Durante a atividade consegui controlar o grupo, mas tive dificuldade em explicar a razão pela qual, alguns objetos flutuam e outros afundam. Apesar de saber a razão, optei por explicar às crianças de uma forma simplificada, a qual não foi mais correta. Numa próxima repetição, irei fazer apenas a experiência e não dar tanta importância à explicação do resultado/acontecimento.

“Como elemento fundamental à vida, a água está presente na maioria das actividades do nosso dia-a-dia, sendo também uma fonte de brincadeiras e prazer para as

crianças.”(segundo a brochura Despertar para a Ciência – atividades dos 3 aos 6 anos, p.25)

No terceiro dia, contei uma história sobre um espantalho – “A quinta do Zacarias” por forma a contextualizar as crianças para a realização da atividade seguinte. A maioria das crianças já sabia o que era um espantalho e ficaram motivadas para construir um. O grupo foi dividido em pequenos grupos, sendo que uns começaram a fazer a cabeça para o espantalho e outros estiveram a fazer o fato para o mesmo. Enquanto isto, as restantes crianças brincaram livremente pela sala. As crianças mostraram-se bastante motivadas, interessadas e empenhadas na atividade, mas esta foi feita aos poucos, pois teve um processo um pouco demorado.

Na minha segunda semana de intervenção, promovi a realização de diferentes atividades, sendo elas: ouvir a história “o girassol solitário”, a sementeação de girassóis, a criação de uma história através de imagens com o tema “cogumelo” e ouvir a história “gosto muito de ti mamã”.

Enquanto contei a história “o girassol solitário” através de sombras chinesas, as crianças estiveram calmas e com atenção a ouvir a mesma e iam interagindo comigo ao longo da história. Posteriormente, as crianças puderam manipular os fantoches de sombras chinesas, onde recontaram a história que tinham ouvido, mas de uma forma mais simplificada, ou seja, imitaram algumas falas da história.

Da parte da tarde, as crianças semearam girassóis na parte exterior do Jardim-de-Infância, sendo que cada criança tinha um vaso feito de garrafas, para que pudessem colocar a terra e a semente de girassol e ter também um contato com outro tipo de espaço.

“As formas que fomos capazes de dar aos espaços influenciarão, de maneira clara, o desenvolvimento perceptivo-sensorial, motor e intelectual das nossas crianças. O ambiente deve tornar-se um repto constante para fazer algo (com a possibilidade de fazer coisas diferentes) para falar de algo, para olhar e tocar algo, para fazer perguntas sobre algo.” (segundo Zabalza, Miguel, Didática da Educação de Infância, 1992, p.126).

No que diz respeito à atividade do cogumelo, todas as crianças quiseram participar na atividade e estavam constantemente a colocar o dedo no ar para poderem falar. A partir das imagens, as crianças conseguiram expôr a sua criatividade e criar uma história lógica, ou seja, com sentido.

Relativamente à história “Gosto muito de ti, mamã”, as crianças estiveram atentas no momento do conto e conseguiram caraterizar as suas mães, comparando com as características presentes nas personagens da história. Posteriormente, as crianças

fizeram um desenho por forma a registarem a caracterização que fazem das suas mães e o que gostam de fazer com ela.

Na minha terceira e última semana de intervenção, foram realizadas diferentes atividades, sendo elas, o visionamento de um filme intitulado “ Quinta Pedagógica dos Olivais”, a construção de animais em cartão e com massa de cores, ouvir a história “Lola na quinta” e a formação de conjuntos com imagens de animais.

No que diz respeito à primeira atividade, as crianças estiveram calmas e atentas no momento do visionamento do filme. Posteriormente, tive um diálogo com as crianças e percebi que algumas sabiam o que era uma quinta e outras fizeram confusão entre quinta e quintal, dizendo que já tinham ido ao quintal dos avós onde havia uma horta. No fim de verem o video, fiz algumas questões para perceber as ideias com que tinham ficado acerca do video e percebi que as crianças estiveram com atenção, uma vez que me souberam dizer que animais existiam naquela quinta e como era a quinta.

Na construção de animais, cada criança pôde decorar um animal à sua maneira utilizando vários materiais tais como canetas de feltro ou lápis de cor e diferentes tipos de papel, como por exemplo, papel crepe e papel selofane. Algumas crianças construíram os animais com massa de cores e estiveram bastante empenhadas na atividade, uma vez que sabiam que a estavam a realizar com a finalidade de poderem brincar com aqueles objetos na área das construções.

No momento de ouvirem a história “Lola na quinta”, as crianças mostraram-se bastante interessadas em ouvir a mesma, pois, estiveram em silêncio e com atenção ao que eu estava a contar. Quando coloquei o avental, uma vez que utilizei o mesmo para contar a história, as crianças começaram logo a fazer previsões da história, dizendo que a história era sobre os animais da quinta, antes de eu ter referido o título da história. No fim de contar a história, fiz algumas questões sobre a mesma. Perguntei que animais existiam na “quinta da lola” e quais as características do mesmo, ao que as crianças conseguiram responder logo.

Quando formaram conjuntos com imagens de diferentes animais, as crianças foram capazes de criar vários critérios por elas próprias. A maioria dos grupos selecionaram o critério de “número de patas”, “pêlo” e “carapaça”. Um grupo selecionou um critério diferente, o da “locomoção”, criando o conjunto dos que “voam” e dos que “saltam”.

Assim, ao longo destas oito semanas através da observação, consegui perceber o funcionamento da sala (rotinas) e aprender algumas estratégias de atuação dentro da sala. Ainda tenho muito que aprender e muitas dificuldades estão por superar, pois estas semanas, serviram essencialmente para me integrar, perceber basicamente o funcionamento do Jardim-de-Infância, da sala e conhecer melhor o grupo de crianças.

III – Estratégias de Aprendizagem Profissional

Relativamente à dificuldade mais pertinente, esta refere-se à transição do momento de brincadeira livre para o momento da reunião matinal, em que o grupo se encontra bastante agitado e por vezes tenho dificuldade em que respeitem a minha ordem. Assim, uma das estratégias utilizadas para ultrapassar esta dificuldade consiste em falar mais alto. Por vezes, tenho de utilizar esta estratégia no momento do tapete, quando as crianças se encontram um pouco agitadas.

Uma das estratégias que utilizo para acalmar o grupo no momento da higiene, ou seja, no momento em que algumas crianças estão na casa de banho e as outras ficam na sala à espera da sua vez, é o recorrer a canções ou ao conto de histórias infantis. Assim as crianças acalmam e conseguem esperar pela sua vez sentadas no tapete.

Algumas vezes, tive dificuldade em controlar o grupo todo pela sala, centrando-me apenas no grupo de atividade orientada. É uma dificuldade que está ainda por superar, embora tenha noção que na prática tenho que ter sempre o cuidado de olhar para todo o grupo, ou seja, tentar ficar em posição por forma a conseguir ver a sala toda.

Relativamente à avaliação, senti bastante dificuldade em fazê-la, pois nunca tinha feito nenhuma antes. Para conseguir elaborar a mesma, tive que recorrer a autores de referência desta temática, como por exemplo ler algumas partes do livro “Avaliação em Educação Pré-Escolar” e alguns artigos.

“A avaliação no Pré-Escolar é realizada de forma contínua com base em instrumentos formais (grelhas de observação, testes standardizados...) ou criados para o efeito, os portefolios e as descrições realizadas pelo Educador dos comportamentos individuais e/ou em grupo.” (segundo Simões, Ana, Cadernos de Educação de Infância, 2004, p.8).

As metodologias de atuação/formação baseiam-se essencialmente na observação e nos registos escritos acerca do que acontece no dia-a-dia em contexto de Jardim-de-Infância, no qual estou inserida.

A minha questão de aprofundamento através de um processo de investigação sistematizado ao longo do semestre será “ Qual a importância do brincar em contexto de jardim-de-infância?” porque durante o meu estágio de observação fiquei a perceber que as crianças passam a maioria do tempo a brincar quer seja individualmente através de jogos de mesa quer através do jogo simbólico em pequenos grupos recorrendo às diferentes áreas de brincadeira - os “cantinhos”, como por exemplo, a casinha e a garagem dos carros, entre outros.

“Muitas crianças brincam naturalmente, com ou sem estímulos ou brinquedos(...) Alguns especialistas descrevem maneiras diferentes de brincar: brincadeiras solitárias, paralelas, associativas ou cooperativas.” (Guia para pais – Entreter e Educar Crianças, p.7)

Ao longo do estágio, através da observação, consegui perceber a organização do espaço por forma a promover momentos de brincadeira livre e organizada, ou seja, brincadeira em diferentes áreas. A sala onde realizei o meu estágio em jardim-de-infância, é constituída pela área da casinha, área da garagem, área das construções, área dos jogos de mesa, área da biblioteca e área das ciências.

“As formas que formos capazes de dar aos espaços influenciarão, de maneira clara, o desenvolvimento perceptivo-sensorial, motor e intelectual das nossas crianças. O ambiente deve tornar-se um repto constante para fazer algo (com a possibilidade de fazer coisas diferentes) para falar de algo, para olhar para algo e tocar algo, para fazer perguntas sobre algo, etc.” (segundo, zabalza, Miguel, Didática da Educação Infantil, 1992, p.126).

No que respeita aos momentos de brincadeira livre nas áreas, as crianças brincam principalmente com o brincar imaginativo, ou seja, o faz - de - conta, denominado por Vygotsky ou por jogo simbólico, denominado por Piaget.

Consegui assistir a vários momentos de brincadeira livre, em que retirei algumas falas, como por exemplo: na *Área dos jogos de mesa*, uma **criança** (x) pegou numa peça de dominó e colocou-a no ouvido dizendo: “Olá, estás bem? Nívea, estás a ouvir?” **estagiária**: “estás a falar com quem? É a Nídia?” ao que a **criança** responde sorrindo: “não, é a Nívea”. Passado um pouco, a criança já tinha colocado a peça em cima da mesa e a **estagiária** perguntou : “então? Já falaste com ela?” e a **criança** respondeu: “já.” E a **estagiária** perguntou novamente: “então, e o que está a fazer?” e a **criança** disse: “está a fazer algumas coisas.”

Um dia, uma criança (y) ,veio-me chamar para ir a casa dela, na *“área da casinha”*. **Criança**: “Carla, vem à nossa casa.” **Estagiária**: “Truz, truz!” **Criança**: “Entra, vem almoçar.” **Estagiária**: “Está bem, sento-me aqui?” **Criança**: “sim, vou buscar o garfo e a faca.” **Estagiária**: “Obrigada. Então e como na mesa assim?” **Criança**: “não, eu vou buscar um prato.” **Estagiária**: “obrigada, o que vai ser o meu almoço?” **Criança**: “vai ser salsicha com molho e iogurte.” **Estagiária**: “hum, que bom! (fiz como se estivesse a comer).” **Estagiária**: “já acabei, o que temos que fazer?” **Criança**: “lavar a loiça.” **Estagiária**: “lavo eu?” **Criança**: “não, eu lavo.” **Estagiária**: “queres ajuda?” **Criança**: “não, eu lavo sozinha.” **Estagiária**: “está bem, obrigada. Até amanhã.” **Criança**: “logo

vem cá jantar a casa para veres o meu bebé.” **Estagiária:** “está bem, obrigada. Até logo.” **Criança:** “até logo, depois toca à campainha.”

20 minutos depois:

Criança: “Carla, vem jantar.” **Estagiária:** “vou já! Truz truz... posso entrar?” **Criança:** “sim, vou buscar o jantar.” **Estagiária:** “o que vai ser?” **Criança:** “é sopa. Vou buscar a colher da sopa.” **Estagiária:** “Obrigada. Está muito boa.” **Criança:** “agora vais comer carninha e batatinhas.” **Estagiária:** “é muito bom, obrigada!” **Criança:** “agora toma a sobremesa, é gelado de morango.” **Estagiária:** “hum, está muito bom. Obrigada!”.

“O brincar imaginativo é baseado em experiências vividas, ou presenciadas, em que são utilizados objectos reais ou imaginários.(...) o brincar imaginativo passa a ser sócio dramático, desde que seja elaborado em cooperação com o outro. As crianças vivem activamente as relações entre as pessoas por meio da representação simbólica.” (segundo Ferreira, Dulce, cadernos de educação de infância, 2004, p.12).

O educador deverá ter várias funções no momento da brincadeira. Durante o período de estágio, tentei observar com atenção alguns momentos de brincadeira, quer dentro da sala, quer no exterior. A maioria das vezes, ficava a observar as brincadeiras das crianças sem que elas se apercebessem, outras vezes intervia na brincadeira, brincando e outras vezes eram as próprias crianças que me chamava para brincar com elas nas diferentes áreas, quer na casinha, quer nos jogos de mesa, entre outras.

O educador “deverá ter várias funções durante o brincar das crianças. Inicialmente, como observador, sem intervir, procurando recolher informação através da observação; seguidamente, a função de catalisador, tentando perceber como poderá enriquecer o desenrolar da brincadeira; finalmente como participante activo, funcionando como mediador das relações e das situações surgidas. No entanto, é necessário ter em consideração que a nossa intervenção não poderá colocar em risco o desenrolar natural da brincadeira.” (segundo, Ferreira,Dulce, cadernos de educação de infância, 2004, p. 12).

Esta proposta de pesquisa articula-se com o meu processo de aprendizagem profissional, uma vez que através da observação consegui perceber que a maioria do tempo em contexto de Jardim-de-Infância e em contexto de creche nos quais fiz estágio de observação e intervenção, consistem em que a criança brinque livremente, promovendo regras de saber ser e saber estar e a criação de relações com o outro.

Em jeito de conclusão, afirmo que gostei bastante de passar por este contexto e que apesar de já ter realizado alguns estágios neste contexto anteriormente, estou sempre a aprender novas coisas e novas experiências.

Referências Bibliográficas:

Carmo,H & Ferreira,M (1998). *Metodologia Da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério de Educação.

Caroline Young, *Guia para Pais – Entreter e Educar Crianças*.

Ministério da Educação, (2009). *Despertar para a Ciência – atividades dos 3 aos 6 anos*.

Editorial do Ministério da Educação.

Zabalza Miguel. (1992). *Didáctica da Educação Infantil*. Edições ASA – Divisão Gráfica.

Associação de Profissionais de Educação de Infância, (2004). *Cadernos de Educação de Infância*.